

VIAGENS MARAVILHOSAS DO DR. ALPHA

(COM ILUSTRAÇÕES DO AUTOR)

(POR OSWALDO SILVA)

Ao mundo dos planetas Capítulo II—O Poder da sciencia

(Continuação)
XII

Cumpria, portanto, procurar um meio de evitar esse contratempo importante. Mais uma vez o gaz que fabriquei, mais leve do que o hydrogenio, ia-me servir de grande auxilio. Imaginemos que eu tinha chegado á um planeta no qual eu pesasse mais 70 vezes do que peso aqui no nosso mundo... Succederia, como já disse, que eu havia de ficar preso ao solo sem forças para dar um passo sequer. Mas, si previamente eu tivesse adaptado ao corpo um balãozinho de aluminio cheio do tal gaz mui leve, na proporção necessaria para restabelecer-me o equilibrio, eu andaria tão facilmente como si não tivesse sahido do meu planeta.

E está ahí como resolvi um dos mais difficeis problemas. Quanto á alimentação já era cousa resolvida: alimentação solida — pequenos pãesinhos de peso de 5 grammas cada um; dois para o almoço e dois para o jantar... Admira-se o leitor? Não tem de que, quando souber que esses pãesinhos eram uma composição maravilhosa de chimica e que encerravam todos os principios feculentos, albuminoides e gordurosos, isto é, os tres grupos de que consta os mais importantes alimentos necessarios ao homem.

Quanto á alimentação liquida:— no laboratorio da minha aeronave, eu fabricava oxygenio, hydrogenio e azoto, e como esses tres gazes é que formam a agua eu poderia tel-a em abundancia...

Para que mais liquidos? Só esse nos é unicamente indispensavel... E... prompto: achava-me preparado para emprehender á grande viagem, viagem que me havia de revelar as sublimes paragens que se occultam além das nuvens!...

Oh! como deveria ser soberbo, quando o «Meteoro», qual gigantesco monstro alado, voando de astro a astro, banhando-se na luz deslumbrante das constellações longinquoas, me levasse a novas terras, a novos mundos, que daqui vemos tremlular nos espaços e chamamos estrellas...

Continúa.



(POR OSWALDO SILVA)

VIAGENS MARAVILHOSAS DO DR. ALPHA

Ao mundo dos planetas

(COM ILUSTRAÇÕES DO AUTOR)

Capítulo III — Da terra á lua

(Continuação)

XIII

Na tarde de 4 de Maio o «Meteoro» achava-se prompto a erguer o vôo, que me havia de conduzir aos mundos desconhecidos...

Depois de um minucioso exame em todos osapparelhos da aeronave, e de verificar que nada me faltava e tudo estava em ordem, contemplei por alguns momentos os verdes campos da minha terra, abracei com certa emoção os rudes operários que me tinham auxiliado, e pulei para a barquinha...

Já era quasi noite.

Jamais a abobada celeste me parecera tão bella, tão salpicada de astros brilhantes, como n'essa memoravel noite... A lua brilhava em todo o seu esplendor.

— Bem, pensei commigo mesmo, olhando o satellite da terra serás a minha primeira estação... Inclinei os appendices da aeronave a 45 grãos, e, para que não houvesse um violento choque, appliquei uma pequena descarga electrica ao reservatorio do «gaz levisso».

O «Meteoro» extremeceu, arfou de uma extremidade a outra e, sereno, magestoso, ergueu-se traçando uma longa diagonal no espaço!

Fui augmentando gradualmente a intensidade das correntes electricas e momentos depois a aeromove subia pelos espaços com a velocidade de uma bala.

Subito, comecei a sentir-me mal: já me ia faltando o ar por causa da excessiva velocidade.

Pouco faltava para sahir da atmosphera da terra.

Olhei para baixo e apenas vi uma densa camada de nuvens que rolavam sinistramente na escuridão da noite.

Fechei as portinholas da barquinha e puz os geradores de oxigenio em funcção.

Já era tempo. O «Meteoro» com um pulo terrivel sahiu da atmosphera da terra, entrando no infinito indescriptivel, cheio de uma luz intensa, que cegava, que deslumbrava...

Olhei para cima: o céu estava negro como azeviche, e os astros brilhavam como tochas accesas.

Eu estava no ether.



V A L E
PARA O CONCURSO N. 141

V A L E
PARA O CONCURSO N. 142

(Continúa)

VIAGENS MARAVILHOSAS DO DR. ALPHA

(POR OSWALDO SILVA)

Ao mundo dos planetas

(COM ILUSTRAÇÕES DO AUTOR)

Capítulo III - Da terra à lua - XIV

(Continuação)

Consultei o relógio. Havia 1 hora que deixara a terra (!!) Era maravilhoso! Mas... devia ser noite, pois, quasi sem luz do sol, deixara o nosso planeta... Ilusão. Nos espaços interplanetarios não ha trevas. O sol sempre dardeja os seus raios de fogo, e, ahi, a sua luz é offuscante, sem as gradações das meias tintas, nem as matizes do colorido. Esse *ether* que, como já disse, é um gaz subtilissimo, de uma densidade quasi inapreciavel, não dá ao céu o bello tom azulado que possui o céu que se vê da terra, não serve para respiração e não suavisa os raios da luz.

Mas continuemos. Logo que os geradores de *oxygenio* começavam a funcionar senti novamente voltar-me a vida.

Agora o «Meteoro» já não voava: deslisava com a rapidez do raio, e, se não fosse a sua solidez a toda prova não ficaria eu lá muito tranquillo...

Contemplei a lua. Pareceu-me ter o diametro de uma roda de carro de praça!

E' tempo que o leitor conheça bem este planeta que foi o primeiro que visitei; e, desde já, previno-o que, por elle ser um satellite do nosso, não o julgue um corpo inferior, sem nenhuma importancia, a não ser a fraca luz que nos envia nas bellas noites de luar.

Mas antes de entrar no assumpto é conveniente estudarmos a conformação do que chamamos *céo* ou espaço planetario.

Este *espaço* não tem fim, e, para que o menino possa fazer uma idéa d'esse *infinito* é bastante que digamos que se se caminhasse num trem com velocidade de 200 kilometros por hora, sem jamais parar, quer para direita ou para esquerda,

quer para cima, quer para baixo, durante milhões e milhões de seculos, depois de todo esse tempo, era como se não tivesse dado um só passo para emprehender essa eterna viagem !! Pois bem esse espaço, esse vacuo azulado é onde brilham o sol, a lua, a terra e os outros corpos celestes. Todos tem a forma de uma bola, e acham-se suspensos, rodando doidamente sobre si mesmos, separados um dos outros, milhões e milhões de leguas !!!

(Continua)



V ALE
PARA CONCURSO N. 143

V ALE
PARA CONCURSO N. 144

VIAGENS MARAVILHOSAS DO DR. ALPHA

Ao mundo dos planetas

(COM ILUSTRAÇÕES DO AUTOR)

(POR OSWALDO SILVA)

Capitulo III - Da terra á lua-XV

(Continuação)

O sol é a alma do systema planetario que elle governa. Sim, porque ha muitos systems de planetas, e cada um tem o seu sol; cada um d'elles é uma d'essas bellas, que não são mais do que astros, que nós chamamos as estrellas. O nosso sol é chefe de oito planetas: *Mercurio, Venus, Terra, Marte, Jupiter, Saturno, Urano e Neptuno*, que é o mais afastado. Esses oito gigantes globos estão suspensos no espaço e gyram em torno do astro central, —o Sol— como que rendendo homenagem ao seu poder e belleza.

O movimento dos planetas em torno do sol, traça uma eclipse no espaço e é a isso que chamamos *orbital*.

Para que completem exactamente esse círculo, gastam os planetas mais ou menos tempo, tempo esse que se denominou anno. Mas, como as orbitas dos planetas variam muito, isto é, uns gyram muito perto do sol, relativamente a outros, o anno de cada planeta tem duração differente; assim o anno do nosso mundo é de 365 dias, mas o de Neptuno, por exemplo, que é o que fica mais longe do sol, é de 59,860 dias, ou por outra, um anno de Neptuno é igual a 164 dos nossos!!

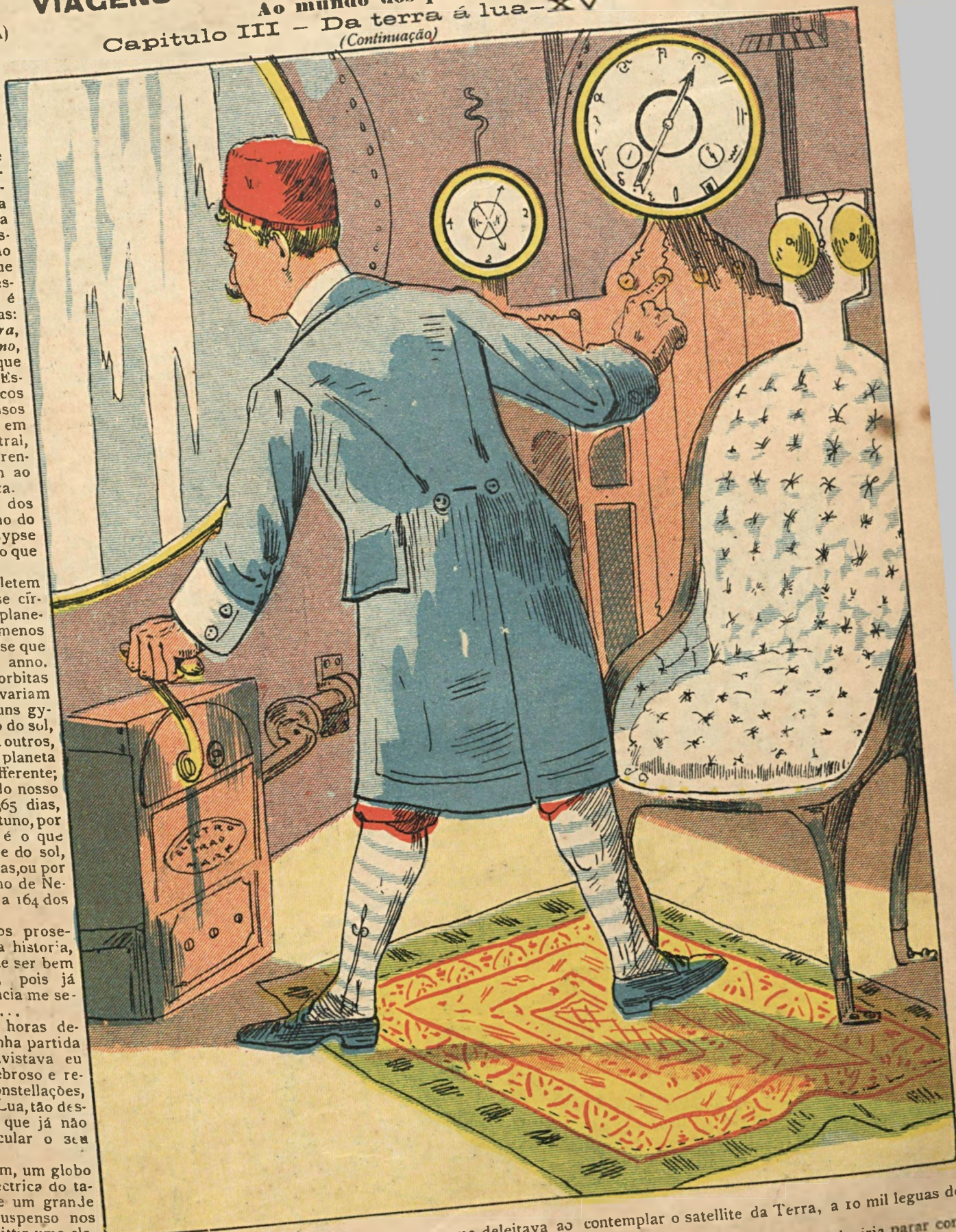
Mas, vamos proseguir na nossa historia, que promette ser bem interessante, pois já pouca distancia me separa da lua...

Duzentas horas depois da minha partida da terra, avistava eu no céu tenebroso e repleto de constellações, o disco da Lua, tão desenvolvido, que já não podia calcular o seu diametro.

Imaginem, um globo de luz electrica do tamanho de um grande edificio, suspenso nos ares a emitir uma claridade muito branca, suave, continua, e ahi terão approximadamente a soberba visão que me deleitava ao contemplar o satellite da Terra, a 10 mil leguas de distancia!...

O «Meteoro» continuava a me arrastar com o seu louco vôo, através d'aquelles abysmos tenebrosos, e eu, onde iria parar com aquella perigrinação fantastica? Só o futuro o poderia dizer. Confesso, leitor, que eu já não me julgava senhor do meu ser... Perdera a noção do tempo, da vida, para melhor fallar...

(Continúa.)



VIAGENS MARAVILHOSAS DO DR. ALPHA

Ao mundo dos planetas

(COM ILLUSTRAÇÕES DO AUTOR)

(POR OSWALDO SILVA)

Capitulo III - Da terra á lua-XVI

(Continuação)

Julguei-me um ser sobrenatural, o genio dos ares, a volitar pelos espaços, arrebatado por uma machina infernal e impulsinado por alguma fada ou espirito diabolico. Mas, não; era a realidade... Genios, fadas e encantamentos só são proprios dos espiritos superficiaes. Tudo o que succede neste mundo tem por principio uma causa e essa causa não é mais do que um facto puramente natural... O *Meteoro* deslocava-se no ether porque era impulsinado pela propriedade que possuia o *gaz levissimo*, de repellar o corpo mais proximo, tanto assim que eu esperava a cada momento, quando elle entrasse na orbita da lua, para pouco a pouco e ser novamente repellido para a terra, apesar da attracção do globo lunar. Cumpria, portanto, estar sempre attento á marcha natural dos factos. Não podia me utilizar das poderosas helices da aeronave visto navegar no ether, que como já disse é um *gaz* muito subtil, não offerecendo, portanto, nenhuma resistencia as palhetas dosapparelhos. Certa occasião, em que repousava, fui despertado por uma especie de choque quasi insensivel para quem tivesse um sono mais profundo.

Corri ás vigias da aeronave e perscrutei o espaço.

O céu continuava sombrio e as constellações eram para mim completamente desconhecidas. Procurei a lua... não a vi!... Para a minha direita brilhava no céu um globo do tamanho da roda de um carro, mas não era elle a lua, pois quando adormecera o satellite da terra, estava com um diametro immenso e brilhava bem no alto de minha cabeça.

Onde estava eu? O *Meteoro* diminuira muito a marcha e agora apenas movia-se brandamente, ou por outra, *descia... Descia?* Iria eu novamente voltar á terra? Não, não podia ser! Abri uma vigia no fundo da barquinha e então comprehendí tudo: Vi através do vidro da vigia um immenso globo, uma desmesurada massa de cor indscriptivel, sobre a qual o *Meteoro* oscillava, talvez a tres mil leguas de distancia! Era a lua! E esse outro globo que eu avistara primeiro? Era a terra!!

(Continúa.)



VIAGENS MARAVILHOSAS DO DR. ALPHA

(POR OSWALDO SILVA)

Ao mundo dos planetas

(COM ILUSTRAÇÕES DO AUTOR)

Capitulo III - Da terra á lua - XVII

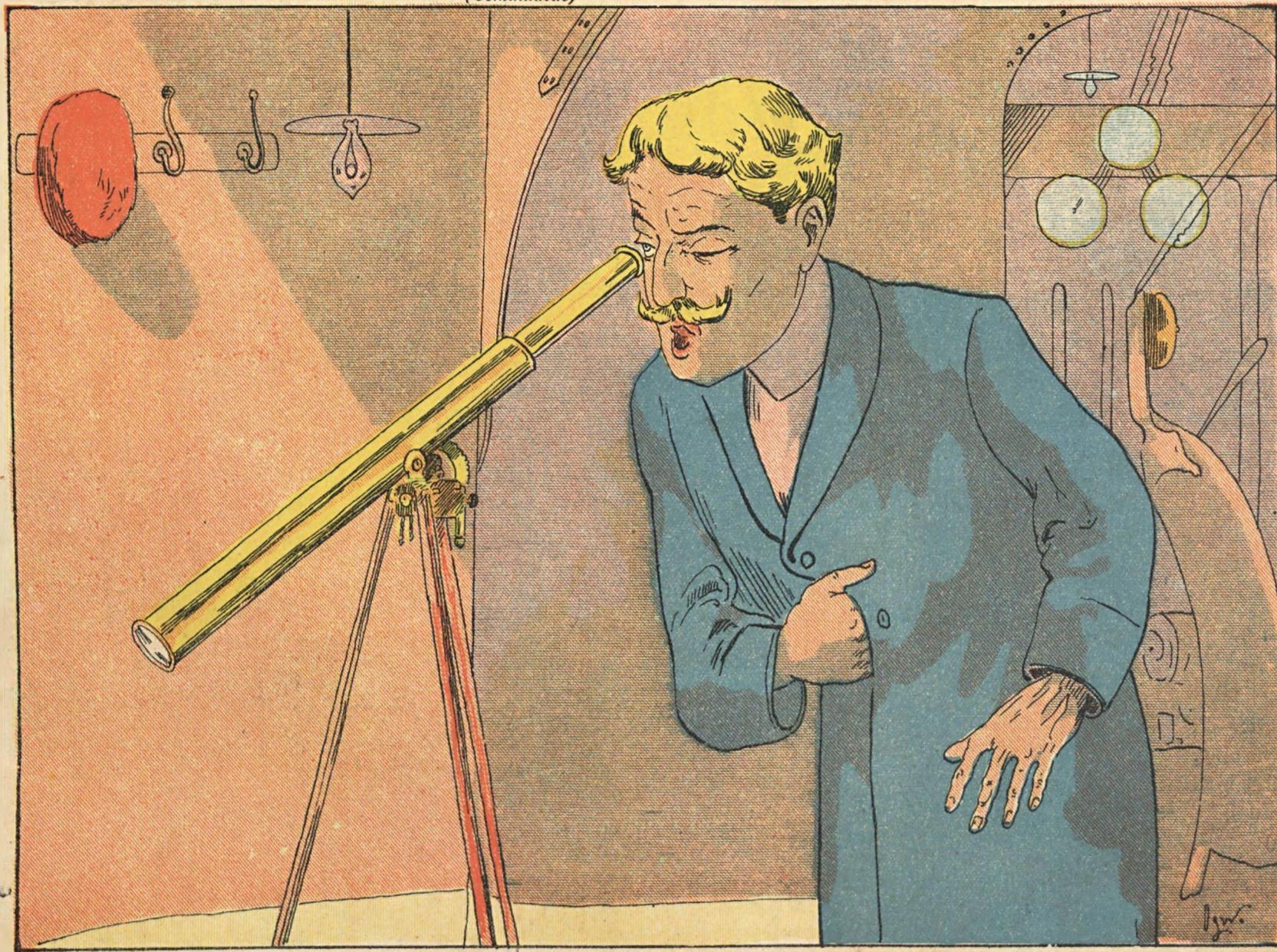
(Continuação)

Duas horas depois o *Meteoro* extremamente forte, parou de todo e, de repente, como era de esperar, foi impulsionado novamente num movimento ascensional tão rapido e tão violento que mal tive tempo de me segurar para não rolar desastrosamente pelo pavimento da barquinha. Esse receio era motivado pela propriedade que tinha o *gaz levissimo* de se afastar do corpo mais proximo, e, como nessa occasião o corpo mais proximo era a Lua, o *Meteoro* fugia, galgava as alturas, apesar da grande força d'atração desse planeta. Convinha, portanto, intervir se não quizesse eu recommençar a viagem eterna pelo ether, e, de mais a mais, como estava avido por visitar a loura *Phebe* como os poetas chamam a Lua, dei-me pressa em retirar as propriedades electricas do *gaz levissimo*, transformando-o assim num outro *gaz* mais denso e mais pesado. Mal, porém, executei essa operação, o *Meteoro* abalou se numa queda terrivel, vertiginosa, não só devido ao seu excessivo peso como também pela força de atração do satellite da Terra.

Era chegado o momento de proceder com toda a calma e precisão. Se não fosse o completo e apertado mecanismo da minha machina, ou por outra, as maravilhosas propriedades do *gaz levissimo*... nem quero imaginar na horivel consequencia de uma queda em taes condições. Felizmente tinha á mão todos os elementos precisos para evitar uma catastrophe.

Como me achava ainda no ether e as minhas helices não podiam achar resistencia para desenvolverem força ascensional, tive que manobrar com a electricidade applicando diminutas correntes electricas ao *gaz levissimo*, evitando assim uma descida precipitada.

O leitor já sabe que esse *gaz*, influenciado pela electricidade, tendia a afastar-se do corpo mais proximo, que nesse momento era a Lua, arrebatando consigo a aeronave, mas como eu applicava essa influencia em parcelas diminutas, resultava dahi que o *gaz levissimo*, não podendo de todo lutar com a força attractiva da Lua, não sustinha completamente o *Meteoro* que, gradual e serenamente, descia a superficie do planeta. Atravez das portinholas de vidro eu contemplava o satellite da Terra que, nesse momento á distancia de tres mil leguas angurava-se-me um globo immenso, todo o horizonte opaco, já sem esse brilho argentino que tanto o embelleza quando o contemplamos do nosso mundo. Mas... dalli de perto... que differença! Era uma descommunal massa cinzenta erizada de montanhas altissimas, de valles sombrios e de planicies desertas...



V A L E
PARA CONCURSO N. 149

V A L E
PARA CONCURSO N. 150

(Continúa.)

VIAGENS MARAVILHOSAS DO DR. ALPHA

(POR OSWALDO SILVA)

Ao mundo dos planetas

(COM ILUSTRAÇÕES DO AUTOR)

Capítulo IV—Primeiras impressões do mundo lunar—XVIII

(Continuação)

A velocidade com que o «Meteoro» descia á superfície da Lua era de uma legua por minuto; ora para vencer as tres mil leguas que ainda me separavam do planeta, a aeronave tinha de gastar tres mil minutos ou dous dias e duas horas. Essa velocidade, porém, comparada com a dos corpos celestes que gravitam no espaço, é muito mais inofensiva do que a do kagado comparada com a do mais veloz trem expresso. A terra percorre vinte e nove mil (29.000) leguas em uma hora ou quatrocentas e oitenta e tres em um minuto... e a luz dos astros que anda com a velocidade de setenta e cinco mil leguas por segundo... Mas voltamos á nossa historia. Cada minuto era uma legua de menos para vencer, e, depois de 24 horas de descida só me faltavam 1,560 leguas para alcançar a superfície da lua. Nessa distancia o satellite da terra mostrava-se já com toda a nitidez. Distinguia já as suas elevadas montanhas, muito mais altas do que as do nosso globo, as crateras immensas cheias de areia, os abysmos profundos perdendo-se em tenebrosas trevas que o sol não conseguia illuminar.

Reparei tambem que nem a mais fraca nuvem nem um pallido vestigio de vapor d'agua pairava por sobre aquella solidão. Haveria portanto falta de atmosphaera no mundo lunar?

Debalde procurei vestigios de mares e florestas... Nada... Então seria verdade, como affirmam, não existir vida no satellite da Terra? ou seria ainda a grande distancia que me impedia de ter o completo conhecimento?

Paciencia... dentro de 26 horas pousaria n'esse novo mundo... Até alli tudo se tinha realizado conforme predizem os sabios: céo completamente negro, silencio pavoroso, ausencia completa de ar respiravel... E habitantes?

Por ventura em um mundo onde não existe agua, onde o som não se propaga, onde não ha oxygenio e outros elementos que são indispensaveis a vida, pôde manter a existencia de um ser organico?

De certo que não. Iria eu encontrar na lua um mundo morto, um cadaver inutil, ou uma região extranha de extranhos habitantes, muito diferente dos homens, com principios de vida completamente oppostas aos dos habitantes da terra? Talvez; e quer de uma maneira, quer de outra eu tinha curiosidade de saber a verdade e, sendo assim, tinha pressa em chegar. Passaram-se mais 24 horas, e para chegar ao fim da minha viagem só me faltavam 120 leguas que eu havia de percorrer em 120 minutos.



(POR OSWALDO SILVA)

VIAGENS MARAVILHOSAS DO DR. ALPHA

Ao mundo dos planetas

(COM ILLUSTRAÇÕES DO AUTOR)

Capitulo IV—Primeiras impressões do mundo lunar— XIX

(Continuação)

Nesse movimento contemplei o céu, estava sempre negro e coberto de fulgurantes constelações.

Francamente, leitor, sinto não ter espaço para descrever-te minuciosamente as maravilhas que até então vi... Contemplei a terra... Estava *cheia* e tinha dimensão surpreendente (da lua se vê a terra 13 vezes maior do que a lua e vista da terra).

Vagamente percebia a configuração do nosso mundo: umas manchas escuras eram os oceanos, umas mais claras eram os continentes.

Passaram-se mais 60 minutos e, por consequencia a distancia da aeronave à lua foi reduzida a 60 leguas, que dentro em pouco passou a ser de 30, depois de 20, de 5, de 3, depois de duas e... nesse momento senti que o *Meteoró* cahia com uma velocidade assustadora.

Sem perda de um segundo forneci mais elementos electricos ao *gas levissimo* e a aeronave susteve-se na queda eminente.

Então como uma grande ave fatigada de longa viagem pelas alturas, foi pousando branda e magestosamente até... até ficar immove! na superficie da... Lua.

Chegara a um novo mundo nunca antes visitado...

Gastara na viagem da Terra à Lua, isto é percorrer 100 mil leguas mais ou menos, que é essa a distancia que separa estes dous globos em 15 dias! Se tivesse ido num trem expresso gastaria um anno...

O meu primeiro cuidado, logo que verifiquei achar-me na superficie da Lua, foi examinar a região em que pousara.

Era um profundo valle cercado de altíssimas montanhas, um valle pedregoso, arido, secco e estéril.

Nem uma ave, nem um elemento dos que constituem a vida organica...

A minha direita erguia-se um vulcão, extincto, já se vê, pois a lua já não tem mais vulcões activos. Era tão alto que calculei em 15 mil metros a sua elevação.

A paisagem não tinha nada de pittoresco. E que silencio meu Deus!... que calmaria assombrosa, que luz intensa, que sombras tenebrosas...

E habitantes? Nem sombra d'elles. Confesso, que me envadia um medo tão profundo, um pavor inexplicavel, que me recolhi ao canto mais exilado da minha aeronave.



VIACENS MARAVILHOSAS DO DR. ALPHA

(POR OSWALDO SILVA)

Ao mundo dos planetas

(COM ILLUSTRAÇÕES DO AUTOR)

Capitulo IV - Primeiras impressões do mundo lunar- XX

(Continuação)

Muitas vezes o medo é subjugado pelo espirito de curiosidade, e eu estava n'esse caso; por tanto, logo que me habituei mais ou menos com a solidão que me rodeava, resolvi explorar as tristes regiões do mundo lunar.

Devido a falta de ar atmosferico não podia me utilizar da aeronave, mas felizmente, auxiliado pelo meu *gerador de oxygenio* e pela especie de escaphandro de que ja fallei podia percorrer toda a superficie do satellite da terra sem temer as consequencias da falta do ar respiravel. Sem demora puz mãos a obra. Vesti a roupa de borracha, adaptei às costas o aparelho electrico para *gerar oxygenio*, puz tudo em ordem no interior do *«Meleoro»* e, tomando um album para desenhar as impressões e um caderninho para escrever as notas, deixei a aeronave.

Como a minha excursão podia se prolongar por alguns dias, não me esqueci de levar commigo uma caixinha das *pilulas nutritivas*, que, como o leitor deve estar lembrado, constituam o meu alimento, ingerindo duas para almoço e duas para jantar.

Logo que puz os pés em terra, quero dizer na lua, reparei sem surpresa que estava mais leve, que tinha mais força e que dava pulos de enorme altura.

Nada mais natural, — sendo a lua muito menor do que a terra e por isso atrahindo os corpos com muito menos intensidade. A lua, que os gregos chamavam *Selene*, é um globosinho de volume 49 vezes menor que o volume da terra. Caminha n'uma orbita de 91 ou 100 mil leguas longe de nós.

Na lua ha invariavelmente 360 horas de sol. isto é, um dia lunar dura 15 dias dos nossos!

Depois uma noite que dura igualmente 15 noites das nossas ..

Mas o que me espantou seriamente foi o seguinte: Dizem os sabios que, devido á falta de ar atmosferico a lua não pôde reter o calor do sol por que esse calor *desprende-se livremente por uma irradiação perpetua...* e que por isso a lua deve ser um mundo gelado

com uma temperatura de 40 graus abaixo de zero... O que é certo, e eu nem posso exp'licar, é que lá nada disso vi, encontrei até uma temperatura agradável... Mas vamos adiante. Dando passo de verdadeiro acrobata, caminhei cerca de duas horas até que passando por um desfiladeiro de montanhas altissimas achei-me de repente numa vasta planicie pedregosa. Parei surprehendido... Hein? seria certo o que eu via ou seria uma illusão de optica? Acabava de ver uma cidade gigantesca, uma verdadeira cidade com as suas ruas, com os seus palacios, com as suas avenidas...

(Continúa).



VIACENS MARAVILHOSAS DO DR. ALPHA

(POR OSWALDO SILVA)

Ao mundo dos planetas

(COM ILUSTRAÇÕES DO AUTOR)

Capitulo V—Um mundo destruido—XXI

(Continuação)

—Sim, não havia dúvida, era uma cidade lunar... Mas, então, a lua era habitada, e dentro em pouco eu ia travar relações com as selenitas? (habitantes de Selene, que é o nome da Lua) Oh! mas como devia ser estranho o aspecto d'esses seres! Ainda mais uma vez, lancei um olhar em torno de mim, por aquellas paragens ermas e desoladoras, mas nada vi que indicasse ser aquella região habitada. Todavia dirigi-me para a cidade onde nenhum movimento notei. A medida que para lá me approximava mais se accentuavam os perfis fantasticos dos monumentos e mais estranho tudo me apparecia, quer pelo estylo completamente original, quer pela intensidade da luz e da sombra, sem gradações de claro-escuro e sem colorido, que deleitasse a vista.

Assim cheguei ao pé de uma muralha colossal e, penetrando por uma porta arruinada, achei-me no interior da cidade. Vi então com espanto que tudo era um montão de ruínas petrificadas; desmornadas, pela acção do tempo. Habitações luxuosas, de estylo elegante e pittoresco, templos magestosos, palácios monumentaes, tudo, tudo jazia derrocado, n'uma profusão fantástica, n'um montão desforme como se um cataclismo pavoroso houvesse exercido alli a sua força prodigiosa.

E não havia duvida: era um mundo destruido.

Entretanto, alguns edificios ainda se erguiam incolumes. Notei que muito se assemelhavam com as habitações de estylo indiano e alguns eram até verdadeiro: primores de architectura...

Naturalmente, desejei visitar o interior d'essas habitações e sem mais demorar, com certa emnoção, penetrei num magestoso monumento que se elevava talvez a 50 metros de altura. Era um templo. Mal porém transpuz a larga escadaria e me achei n'uma especie de vestibulo, recoei estupefacto. Acabava de ver um ser esquisito... um homem? não. Era um selenita, talvez. Estava estirado no chão, em uma attitude de quem se debate com dores atrozes. Era um dos habitantes que fôra surpreendido pelo cataclismo. Toquei-o. Estava petrificado pela acção do tempo ou por algum phenomeno para mim desconhecido.



(Continua)

VIACENS MARAVILHOSAS DO DR. ALPHA

(POR OSWALDO SILVA)

Ao mundo dos planetas

(COM ILUSTRAÇÕES DO AUTOR)

Capitulo V—Um mundo destruido—XXI

(Continuação)

Estava alli a explicação esclarecendo todo o mysterio que pairava naquella cidade morta.

Aquelle ser informe e retorcido era um representante do povo que erguera e que habitara os seus vastos palacios, que hoje cahiam em ruinas, abandonados á acção do tempo. Ao passo que minha vista se acostumava com a semi-obscuridade que reinava no interior do templo, lobrigava outros seres eguaes, todos em varias posições, mas todos indicando que o phenomeno singular que os aniquilára, colheira-os de surpresa, occupados, talvez, nos seus mistêres, talvez repouzando das fadigas do trabalho. Vi um, ricamente vestido, meio ajoelhado sob uma cupula elevada em uma espécie de altar, que, pelo seu completo estado de conservação, permittiu-me fazer uma idéa do que fôra em vida.

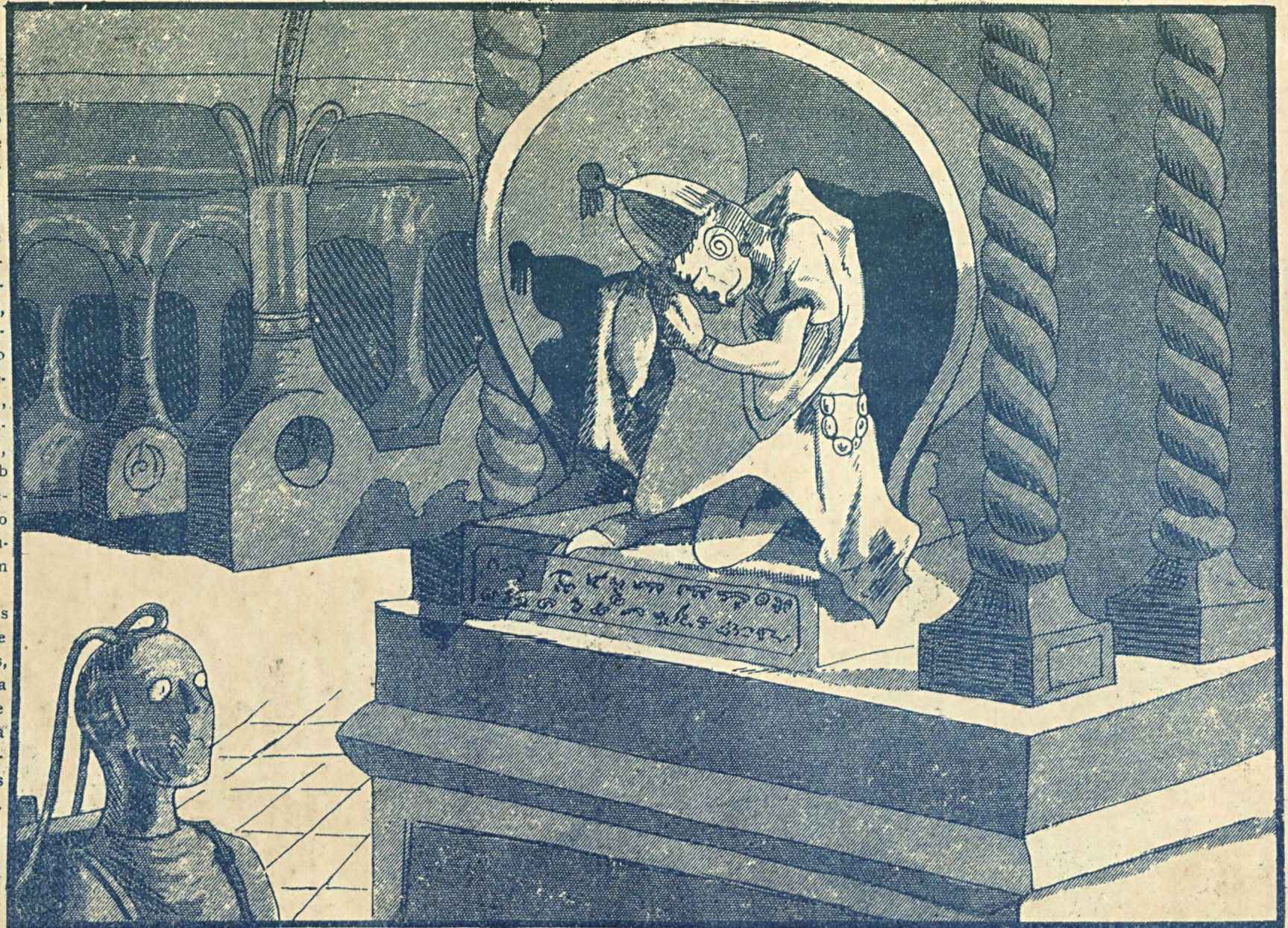
Não se poderá imaginar ente mais estranho. Tinha a forma bastante semelhante á forma humana, mas, pela sua cabeça espherica, composta de numerosos órgãos que, nada, se pareciam com uma bocca ou uma orelha, humanas, comprehendia-se quão differentes deviam ser as funcções physiologicas do individuo.

Mas... quem poderia afirmar que aquelle ente tão grotesco para mim habitante da terra, não era uma criatura perfeitamente organizada para viver no meio em que nascera?

Apezar do pavor que senti á vista de tudo aquillo, fui esquadrinhando todo o templo e, a cada passo, era mais uma maravilhosa descoberta. E assim notei que, as paredes do edificio, á semelhança dos templos da antiguidade, estavam cobertas de inscrições hieroglyphicas, talvez relatando algum feito brilhante de exercitos que já não viviam.

Tambem estava maravilhado pelo aspecto artistico que tinham todas as cousas, pelo que fiquei convencido de que aquelle povo tinha sido muito intelligente, muito industrioso e illu-

(Continúa).



VIACENS MARAVILHOSAS DO DR. ALPHA

(POR OSWALDO SILVA)

Ao mundo dos planetas

(COM ILUSTRAÇÕES DO AUTOR)

Capitulo VI-Partida inesperada

(Continuação)

Depois de um longo passeio por quasi todas as ruas da cidade onde sempre encontrava os dolorosos vestígios da catastrophe, voltei ao *Meteoro*. Ah!, encerrado na barquinha, cujas vidraças hermeticamente fechadas não deixavam escapar o gaz respiravel, que os meusapparelhos produziam, despi o incommodo escaphrandro. Estava com irresistivel somno. e, apesar de me ser muito necessario reflectir sobre tudo o que tinha visto. e escrever no meu diario diversos apontamentos, não pude combater a violenta vontade de dormir.

Estirei-me commodamente na poltrona que me servia de cama e dentro de poucos momentos estava mergulhado no mais reparador e profundo somno.

Quando despertei sentime outro, um bem esta! indescriptivel devolviam-me todas as forças gastas em subir e descer os barrancos solitarios das regiões lunares. Dirigi-me a uma das vidraças lateraes da barquinha e alonguei a vista para o exterior; mas qual não foi o meu espanto quando, em lugar de ver as crateras circulares e as planicies incultas do satellite da terra, deparei com a solidão tetrica, a negridão profunda dos espaços!

De um pulo achei-me junto aos apparelhos de governo: o gaz *levissimo* estava electrizado e o *Meteoro* voava na razão de... nem pude calcular a velocidade, tal era a presteza da corrida, ou para melhor dizer da queda... Da queda, sim porque, observando pela vigia da proa vi uma bola imensa, uma especie de globo de fogo liquido para melhor dizer, sobre o qual a aeronave pairava.

Estava perdido! irremediavelmente perdido!

Mas que succedera?

Quem tinha posto a aeronave em movimento?

E a lua?

Havia tão pouco tempo que eu adormecera á sua superficie. Nesse momento, lembrei-me de consultar o meu relógio que por ser de algeibra, não estava sujeito ás leis de attracção e por isso funcionava tão bem como se estivesse na face da terra.



VIAGENS MARAVILHOSAS DO DR. ALPHA

(POR OSWALDO SILVA)

Ao mundo dos planetas

(COM ILUSTRAÇÕES DO AUTOR)

Capitulo VI-Partida inesperada

(Continuação)

Consultando o relógio verifiquei que havia dormido 10 horas. Que se teria passado durante o meu sono? Era impossível saber; todavia compreendi que um estranho phenomeno de atração modificara por completo os meus projectos, fazendo-me deixar a lua mais cedo do que pretendia. De subito, um raio de luz veio me esclarecer a situação: lembrei-me de que sonhara, que estava a manobrar no céu osapparelhos da aeronave, e, foi talvez em sonho que, por um movimento involuntario, compri mi o botão que electrificava o gaz levisimo. D'essa maneira subira então o *Meteoro* e, sem governo marchara 10 horas entregue aos caprichos do acaso. Logo que cessou a influencia electrica foi, decerto, attrahido por algum cometa descommunal que, por estranha coincidencia me encontrou na sua viagem, sem rumo. Só essa era que podia ser a verdade... E além d'isso ahi estava a prova: o que era aquelle globo gigantesco ao encontro do qual vovava a minha machina com pasmosa velocidade si não um cometa?

Tratei de reliaver

o governo do *Meteoró*... Depois de examinar a disposição das estrellas, reparei que o cometa, arrastando consigo o *Meteoro*, dirigia-se para os lados do planeta *Marte*, que já pela proximidade em que se achava, apresentava grande volume. Procurei na superficie escura do céu a lua e a terra. Esta ultima estava muito reduzida e a primeira apparecia-me do tamanho de uma laranja! Ora, si o cometa fosse cahir na superficie do planeta *Marte*, como tudo me levava a crêr, arrastaria consigo a minha machina que, devido á grande velocidade da sua original condução, venceria rapidamente a grande distancia que separa a lua de *Marte*. Dois dias depois, com habeis manobras, auxiliado pelos meus maravilhosos apparelhos, posei á superficie do cometa.



(Continúa)

VIAGENS MARAVILHOSAS DO DR. ALPHA

(POR OSWALDO SILVA)

Ao mundo dos planetas

(COM ILUSTRAÇÕES DO AUTOR)

Capitulo VIII—A caminho de Marte

(Continuação)

O novo corpo celeste em que eu me achava pousado era um anãosinho comparado com a terra, talvez fôsse cem vezes menor! Pouco se sabe verdadeiramente a respeito dos cometas. O que é certo, porém, é que elles são corpos sujeitos ás mesmas leis de attracção dos planetas.

Existem alguns que gastam, em percorrer as suas alongadissimas orbitas, centenas e até milhares de annos!

O cometa compõe-se do *nucleo* e da cauda que não é mais do que um amontuado de gazes. Deixemos porém esses dados astronómicos e continuemos a nossa narração. Installado no cometa como em um vagão de estrada de ferro eu voava com velocidade vertiginosa em demanda do planeta Marte, que é partindo do centro solar o primeiro que se encontra depois da Terra.

Já não me restava duvida quanto a direcção que levava.

Dentro de alguns dias, ou cahiria á superficie de Marte, ou passaria muito perto d'esse planeta. Se assim succedesse não tinha mais do que fazer como quando dessemos do bond... Mas não pense o

leitor que eu pularia do cometa em cima do planeta... Não. Quando estivesse muito proximo do Marte, quasi já a entrar na sua atmosphera, daria electricidade ao gaz do Meteoro, o qual se elevaria no espaço repellido pelo corpo mais proximo que era o cometa.

Este continuava a sua marcha enquanto que eu, retirando de novo a electricidade do meu aparelho, seria attrahido pelo planeta, indo depois das manobras adequadas á circumstancia pousar brandamente na sua superficie.

De forma que, se se desse o choque entre os dous astros eu não estaria sujeito as temerosas consequencias.

Firme no meu plano puz-me a observar o céu crivado de constellações e a ver crescer a olhos visto o volume do planeta Marte.



(Continúa)

(POR OSWALDO SILVA)

VIAGENS MARAVILHOSAS DO DR. ALPHA

Ao mundo dos planetas

Capitulo VIII—No mundo de Marte

(COM ILLUSTRAÇÕES DO AUTOR)

Era incrível a rapidez do cometa! Dez dias depois da partida da lua já tinha vencido duas terças partes do caminho!

Marte já se me mostrava menos brilhante, porém, e em compensação, tomava todo o horizonte com o seu volume colossal, envolvido pelos vapores da sua atmosphera.

Quanta cousa original eu não iria ver nesse mundo irmão da Terra, mundo que recebe quasi a mesma luz e calor do nosso e cuja atmosphera também pouco differê!

Passaram-se mais dois dias e mais accentuado se tornou o aspecto avermelhado que tem o planeta.

Segundo a opinião de alguém esse aspecto avermelhado de Marte é devido á cor rubra de suas florestas ou do seu solo. Era isso que dentro em pouco eu iria verificar. Distingui perfeitamente as duas luas, do planeta, pois elle possui dois satélites, descobertos em 1877 por Sr. Hall. N'um dado momento, porém, pareceu-me que já me não approximava mais do planeta.

O Cometa desviava-se de sua marcha. Achei então que era tempo de abandonar o meu condu-

tor que de tão boa vontade me trouxera até alli, sem cobrar um só vintem pela passagem. . . Comprimi o botão que electrificava o *gas levissimo*, e, pouco a pouco, o «Meteoro» foi se afastando do cometa, qual navio que deixa um porto, aventurando-se pelo mar fóra. Que espectáculo soberbo é ver um corpo celeste correndo no espaço!

Da aeronave, que parecia presa em um ponto do céu, eu vi o volume colossal do cometa ir se afastando, afastando, a principio com a cor sombria do chumbo, depois, tornando-se luminoso á medida que se distanciava. Subitamente, foi o «Meteoro», envolvido por uma neblina luminosa, mui tenue e de effeitos maravilhosos. Era a cauda do cometa. Muitas horas voguei n'aquelle mar de luz, até que, finalmente, avistei o cometa no espaço com o aspecto semelhante ao que pressenciamos da terra. Voltei, então, os olhos para Marte e vi aquella massa envolvida em nuvens tão grande que me causou espanto. Inutilizei a força ascensional do gaz e a aeronave começou, pouco a pouco, a ser attrahida para o planeta com uma velocidade progressiva.

(Continua)



VIACENS MARAVILHOSAS DO DR. ALPHA

No mundo de Marte
Capítulo IX

(COM ILUSTRAÇÕES DO AUCTOR)

(POR OSWALDO SILVA)

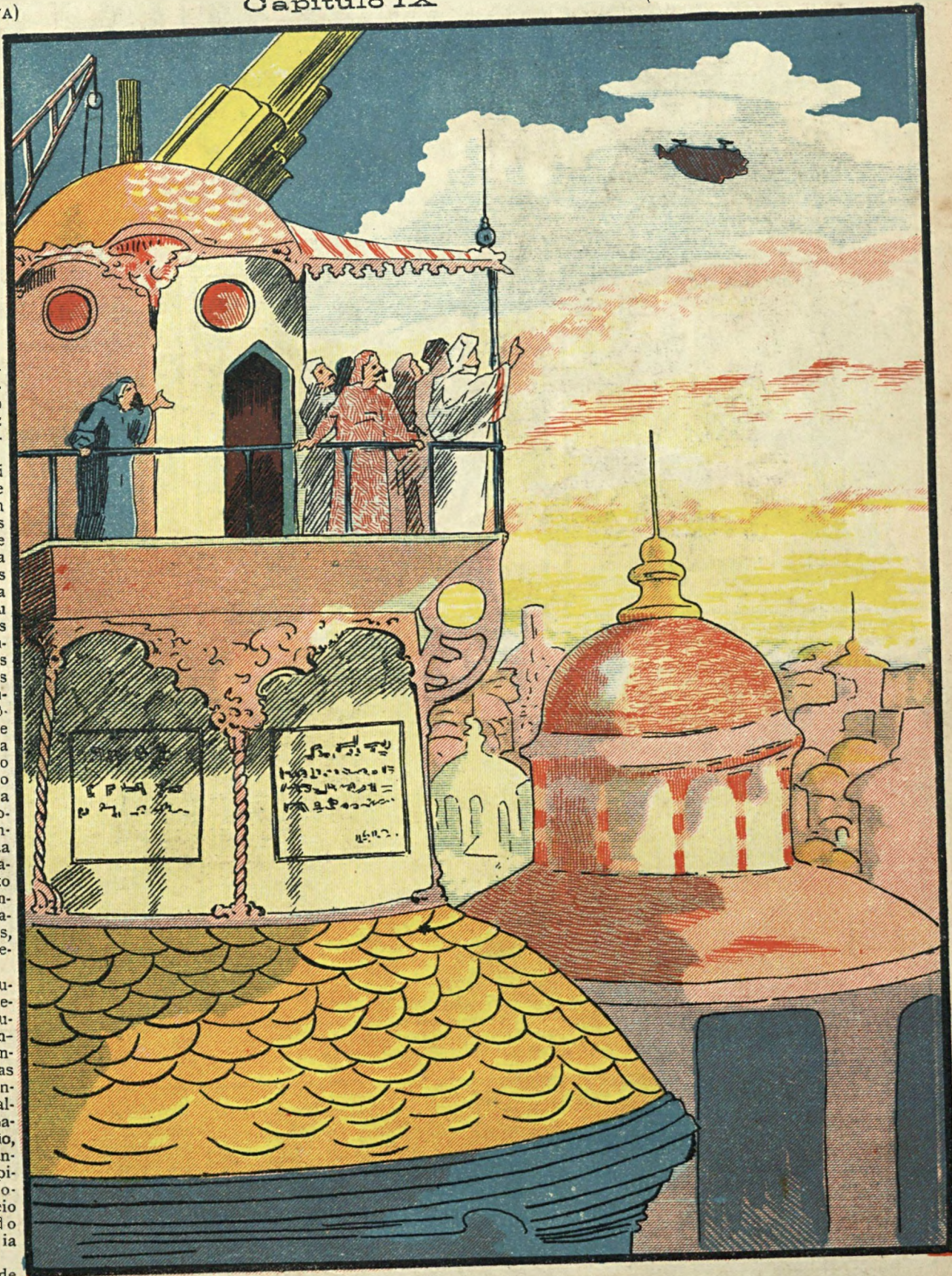
De repente illuminou-se o espaço e os raios do sol fulguraram, a espargir luz em todas as direcções. O «Meteoro» acabava de penetrar na atmosphera do planeta..

O meu primeiro movimento foi para abrir todas as portinholas da barquinha mas, considerando que, ainda que a atmosphera de Marte fosse tão boa para respirar como é a da terra, naquellas alturas ainda estaria muito rarefeita e, portanto, imprópria para a vida, limitei-me a contemplar o novo mundo através dos vidros da barquinha.

Quando atravessei uma espessa camada de nuvens deparei com o espectáculo mais grandioso que se pôde imaginar. O planeta mostrava-me as linhas da superficie ainda muito indecisa, mas eu já distinguia grandes manchas de cor prateada que eram os mares e os lagos; extensas manchas verdes, cinzentas que eram as florestas. Ao passo que diminuía a distancia entre a aeronave e o planeta, a belleza do espectáculo redobrava e, em um dado momento, surgia da sombra projectado por uma alta cadeia de montanhas, o delineamento de uma cidade gigantesca, verdadeira cidade com as suas torres, castellos, passeios, avenidas, etc.

Descendo mais algumas centenas de metros o contorno das cousas foi-se accentuando e pude distinguir, movendo-se nas ruas da cidade, uns pontinhos escuros, que calculei serem os seus habitantes. Senti, então, apesar da minha grande presença de espirito, uma viva emoção um como que receio vago d'esse mundo desconhecido, que ia visitar.

Mas a curiosidade era maior do que o receio; sem mais hesitar abri as portinholas da barquinha e, enquanto as lufadas de ar sadio vinham fortificar-me os pulmões, as helices do «Meteoro» moveram-se e a aeronave, descrevendo uma vasta espiral, approximou-se da cidade. De repente, avistei um edificio colossal, talvez dez vezes mais alto do que os outros, terminando por uma vasta plataforma de onde se erguia para o céu um gigantesco e complicado apparelho semelhante aos nossos telescopios!... N'esse momento chegou-me aos ouvidos um ruido confuso como o de muitas vozes e reparei então, com grande surpresa e não menos receio, que as ruas da cidade, as plataformas dos edificios, os telhados estavam apinhados de gente que gritava, gesticulava, olhando o céu e designando com gestos o «Meteoro»: —Que significava aquillo? Que qualidade de gente seria aquella?



(Continúa)

VIACENS MARAVILHOSAS DO DR. ALPHA

Ao mundo dos planetas — No mundo de Marte

(POR OSWALDO SILVA)

Capitulo X

(COM ILUSTRAÇÕES DO AUCTOR)

A vista disso compreendi que era necessario proceder com muita cautela e juiso e, só depois de demorada observação é que deveria me approximar dos *marcianos* ou habitantes de Marte. Não por que fossem elles um povo selvagem ou barbaro: — o aspecto da cidade, dos campos cultivados, das numerosas usinas, das numerosas embarcações, faziam-me crer muito ao contrario — mas sim pela minha apparição milagrosa a contar historias e um outro mundo.

E foi por isso que parei a uma respeitavel distancia, muito proximo para observar, mas completamente resguardado contra qualquer tentativa contra mim e o meu aparelho. Pelo menos assim eu julgava. Do meu posto de observação comecei a examinar tudo e, cada coisa que examinava deixava-me perplexo de admiração. Neste interim a população agglomerava-se nas ruas, nas saccadas das casas fazendo uma gritaria terrivel e fallando uma lingua extranha.

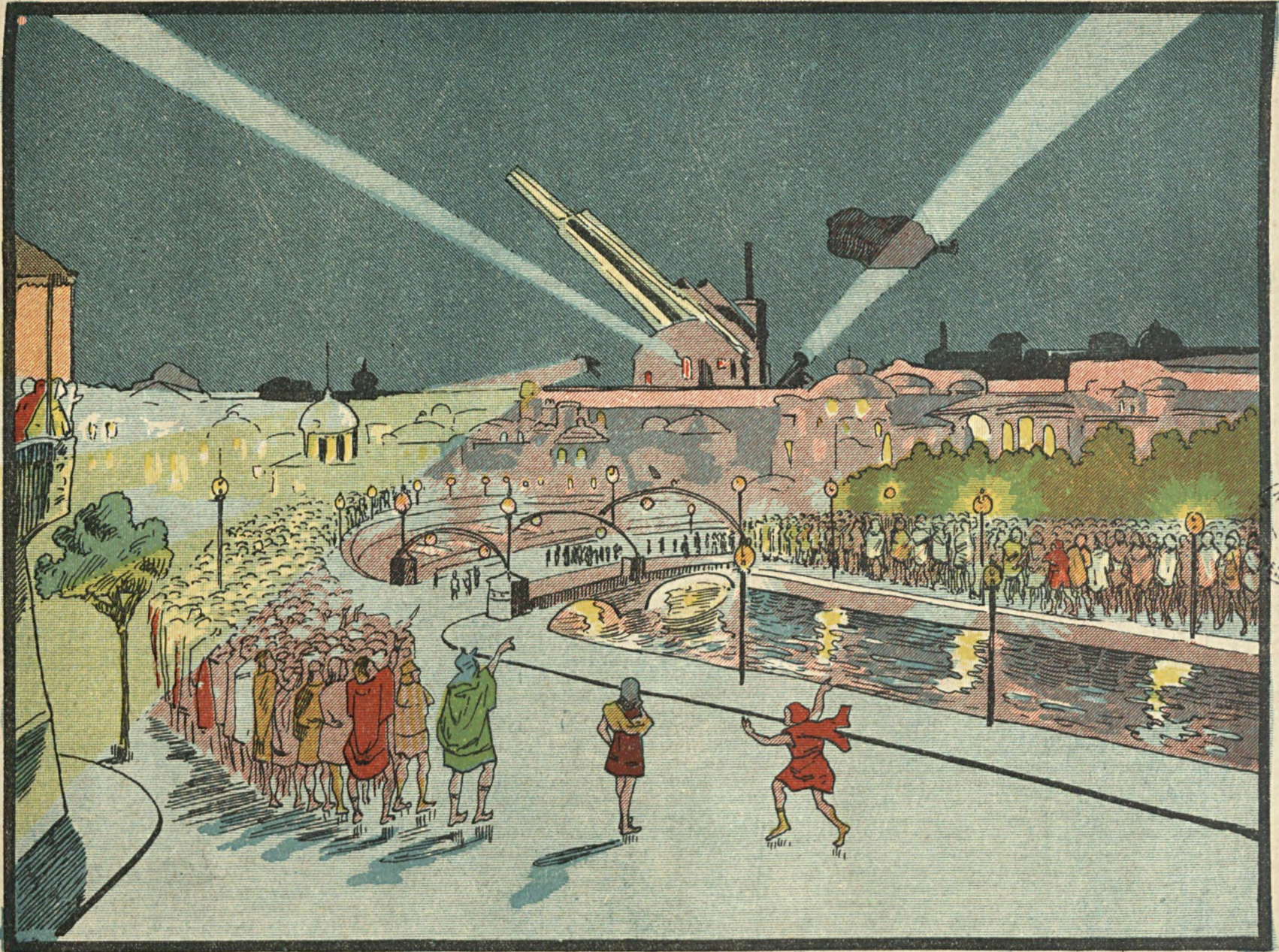
No tal edificio do aparelho semelhante a um telescopio, e que eu não perdia de vista, tambem estava reunida uma grande quantidade de *marcianos*, mas estes eram menos barulhentos, porém em compensação executavam mais gestos com os braços e moviam grandesapparelhos semelhantes aos nssos oculos de alcance e binoculos de theatro.

Depois apontavam para o céu, discutiam entre si e terminavam por assestar as suas baterias de apparelhos opticos sobre a minha aeronave. Compreendi então que aquelle edificio era um observatorio astronomico e aquelles personagens eram os astronomicos marcianos que procuravam explicar a minha subita apparição. Entretanto a noite approximava-se e dentro em pouco o céu ficou coberto de constellações fulgurantes. Não tardou muito que surgisse uma das *luas* do planeta e a *nossa terra* brilhava num recanto do céu.

Com a chegada da noite não diminuiu a animação da cidade, ao contrario duplicou, e em um dado momento, ficou toda illuminada por tocos electricos de incalculavel poder. No observatorio astronomico havia grande movimento e collossaes,apparelhos de optica estavam assestados para a terra em quanto que uns instrumentos mui complicados dardejavam no espaço immensas tachas de luz tão viva e brilhante que eu as não podia olhar.

O populacho barulhento agglomerava-se em frente ao edificio e pareceu-me que estava possuido de grande pavor pelo aspecto esquisito da minha machina de voar.

(Continua).



V ALE
PARA CONCURSO N. 171

V ALE
PARA CONCURSO N. 172

De repente ouvi um estampido pavoroso, a aeronave foi envolvida por uma facha luminosa e um corpo duro veio bater de encontro o seu costado metálico!... Em sobresalto corri a examinar o lugar em que batera a especie de projectil arremessado sem duvida pelos marcianos, e vi com espanto que um harpeu que, preso por um fio de aço, fagara o *Meteoro* na extremidade da proa. Confesso que fiquei indignado com o procedimento dos marcianos... Pois harpoar assim a minha machina de voar como quem harpôa uma baleia!... Mas também fiquei admirado do recurso desse povo e ainda mais cresceu a minha admiração quando ouvi o ruido cadenciado de um gigantesco cabrestante que com extrema facilidade começou a rebocar o *Meteoro*. Foi em vão que tentei resistir... as minhas helices foram impotentes e lá fui eu sendo arrastado para o observatorio.

Quando a aeronave parou ao pé da plataforma pulei da barquinha seriamente resolvido a protestar contra aquelle acto revoltante, mas... só a vista dos marcianos fez-me passar esse desejo...

Eram individuos de 4 metros de altura, porte arrogante, de rostos morenos, semelhantes aos nossos e trajavam vistosamente. Elles também não ficaram menos espantados á minha subita apparição. Formaram um circulo em torno de mim e com todos os signaes de extrema surpresa contemplaram-me soltando exclamações. De repente um ancião de longas barbas brancas vestido de branco e tendo na fronte um diadema fulgurante, approxima-se e tocando-me no hombro dirigiu-me a seguinte phrase:— *Lupo bilentus ivi gretina?* Fiz signal de que não comprehendia. Então elle fez signal a outro individuo que me dirigiu esta outra phrase de certo em outro idioma:— *Leri oriá gereoli perfim?* Não pude suster o riso e isso pareceu-me aborrecel os. Por isso dei-me pressa em fallar acompanhado de largos gestos procurando todo o pessoal para me fazer comprehender e o que não consegui. Quando elles se convenceram que era impossivel me entender discutiram entre si, depois conduziram-me para o interior do edificio. Com gestos expressivos tranquilizaram-me fazendo-me comprehender que velariam pela minha pessoa e pelo meu aparelho. E como eu demonstrasse vontade de dormir levaram-me para um aposento confortável.



VIAGENS MARAVILHOSAS DO DR. ALPHA

Ao mundo dos planetas — No mundo de Marte

Capitulo XII

(COM ILLUSTRAÇÕES DO AUCTOR)

(POR OSWALDO SILVA)

Um dos marcianos levou-me ao aposento de repouso, que era um recinto bem arejado e confortavel. O que me chamou logo a attenção foi a originalidade da cama. Era uma especie de berço proporcional ao tamanho dos habitantes do paiz, e que não pou-sava no soalho, mas sim pendia do tecto por dous fios metallocos ornamentados com flores artificiaes de uma substancia desconhecida para mim. O meu hospede collocou-me na cama e fazendo-me um gesto amavel sahio e fechou a porta. Adormeci. Quando despertei no dia seguinte um criado serviu-me uma refeição deliciosa em pratos que pareceram-me feitos de malacacheta e com um gesto convidou-me a acompanhá-lo. Atravessamos compridos corredores ornados com mappas astronomicas, vastas salas repletas de apparatus complicadissimos, todos diferentes dos nossos, até que chegamos a um salão onde se achavam reunidos os astrónomos marcianos em numero de dez. Ahi designaram-me uma almofada para assento, seus escreventes tomaram logar em suas mesas e os demais, os que traziam diademas na fronte, agruparam-se em semi-circulo em torno de mim. Tudo aquillo para mim era curioso: a esta terra gigantesca dos homens, a originalidade de todas as cousas, das cadeiras, das mesas, das estantes, dos livros e sobretudo da linguagem... harmoniosa e cadenciosa; que só tinha o defeito: — o de ser para mim completamente incompreensivel. Os sábios do paiz começaram: tomaram a medida da minha estatura, examinaram-me dos pés á cabeça, analysaram o meu vestuario, os sapatos, o chapéo, o relógio, desenharam o meu retrato muito parecido, emfim, escreveram depois um extenso relatório. Terminada esta cerimonia o velhinho falava-me em todos os tons e ficava verdadeiramente afflicto por não se fazer comprehender. Levou-me á uma bibliotheca riquissima e ahi, depois de numerosas mimicas, fez-me entender que elle estava encarregado pelo director do observatorio a me ensinar a lingua do paiz e que todo o povo estava ancioso por saber quem eu era e donde tinha vindo e que todos os sábios estavam estudando o meu apparatus e até o proprio rei tinha curiosidade em me conhecer.

Eu fiz signal de que estava disposto a travar relações com os marcianos, o que causou grande contentamento ao velho sabio.

Continúa)



VIACENS MARAVILHOSAS DO DR. ALPHA

Ao mundo dos planetas — No mundo de Marte

(POR OSWALDO SILVA)

Capitulo XIII

(COM ILLUSTRAÇÕES DO AUCTOR)

Logo no dia seguinte começaram as minhas lições da lingua nacional dos marcianos e, com tanto ardor estudei e tão claras eram as instrucções do mestre, que em pouco tempo já eu fallava alguma cousa.

Passava os dias encerrado na bibliotheca do observatorio a estudar a historia do planeta, a sua geographia, os seus costumes a sua litteratura e as suas artes. D'essa maneira vim a saber verdadeiras maravilhas d'esse mundo até então ignorado.

Os marcianos chamam o seu planeta de *Blénus* que quer dizer «filho do sol».

Blénus compõe-se de 28 paizes, sendo o mais importante, chamado *Glondafich*, justamente onde eu me achava. «*Glondafich*» cuja capital é «*Loris*» cidade colossal, é governado por um imperador absoluto, porém muito benigno.

Os seus habitantes, assim como os de todo planeta, tem 4 metros de altura; tem costumes mui curiosos, e fazem-se admirar não só pelas suas dimensões gigantescas, como pelo adiantado estado de civilisação em que se acham, ultrapassando-nos em muitos pontos.

Sabem que juizo fazem elles da terra?

Julgam e affirmam que a Terra, que elles chamão «*Cyndra*», isto é irmã, foi uma parte do *Blénus* que se separou por um cataclismo, indo constituir outro. E é por isso que elles estudam e se interessam tanto pelo nosso planeta, chegando ao ponto de, com os seusapparelhospoderosos, distinguirem os habitantes de *Cyndra*. Agora imagine o leitor qual não foi o espanto do meu professor quando eu lhe disse que era filho da Terra...

Custou muito a acreditar obom velinho, e

só quando eu jurei pelos meus deuses que não mentia é que se convenceu. Então espalhou-se a noticia por toda capital, por todo o paiz e por todo o planeta. Immediatamente chegou um edito imperial para que me «conservassem incommunicavel» até segunda ordem e convocaram uma grande assembléa presidida pelo proprio soberano e constituída por mais de duzentos sabios. O povo agitava-se na rua a vociferar raivosos por não lhe deixarem ver o «filho de *Cyndra*». Os jornaes do paiz publicaram o meu retrato. Eu, que até então ainda não tinha percorrido as ruas de *Loris*, estava ancioso pela minha liberdade e aborrecia-me com a situação embaraçosa em que me collocavam os acontecimentos.

(Continua)



VIAGENS MARAVILHOSAS DO DR. ALPHA

Ao mundo dos planetas — No mundo de Marte

(POR OSWALDO SILVA)

Capítulo XIV

(COM ILUSTRAÇÕES DO AUCTOR)

No dia designado para a minha apresentação oficial, mui cedo vieram buscar-me, e, numa carruagem real escoltada por uma guarda de lanceiros, levaram-me ao «Lory-or-fingar», isto é, Imperial Academia de Sciencias.

Apezar da rapidez do vehiculo, pude notar as bellezas da cidade, com os seus jardins publicos, as suas ruas gigantescas, os edificios monstruosos, quasi todos terminados por uma cupola metallica. Por toda parte corriam á minha passagem, os gigantes habitantes de Loris, com as suas tunicas multicôres e com os cabellos soltos como as mulheres terrestres... Todos gritavam: *Fri! droliska emira Cyndra!* que quer dizer: Deixae-nos vêr o filho de Cyndra! Mas a guarda imperial continuava a galopar, indifferente apezar das vaias e injurias do populacho. Depois de meia hora de viagem, parámos nas escadarias do *Lory-or-fingar*, edificio magestoso e vetusto. Apeeme, e, meu professor tomando-me nos braços, começou a subir os 40 degrãos, correspondentes aos 40 membros da Academia. Estes degrãos são feitos cada um com uma substancia differente, assim, a começar do inferior, notava-se: madeira, granito, marmore, chumbo, ferro, cobre, nickel, etc., etc., o ultimo era de ouro, e correspondia ao do rei.

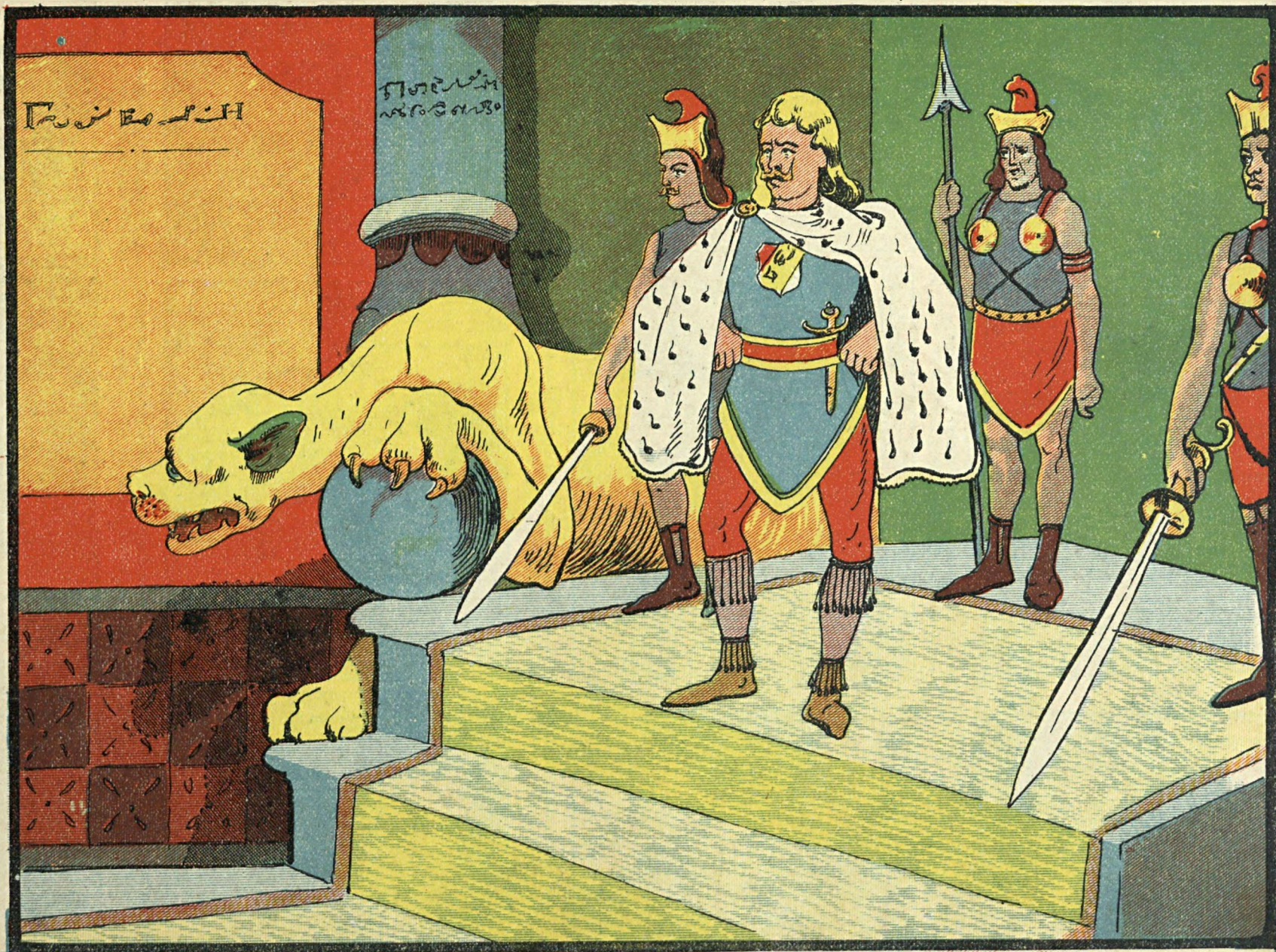
Entrámos na grande sala, onde se achava reunida a distincta assembléa marciana.

Lá, em um dos angulos, cercado de uma brilhante guarda de honra, estava o imperador, imponente, pela sua estatura de gigante; arrogante, pelo ar marcial e varonil do seu rosto.

Era moço ainda. A um gesto seu, fez-se silencio, cada um tomou o seu lugar. Então, o meu

professor subiu a uma tribuna e, num brilhante discurso, fez a minha apresentação, discorrendo longamente sobre a minha constituição physica e moral, sobre a minha apparição no mundo de Marte; e terminou, finalmente, descrevendo, sem occultar a sua admiração, os delicados aparelhos do «Metéoro».

Mas, com grande espanto meu, não foi applaudido: o soberano conservou-se impassivel. Outro sábio pediu a palavra. Era um rapaz pedante. Fallou muito, negando que eu fosse um *terrestre*, dizendo que eu era, apenas, um anão intelligente e instruido, que viera de qualquer canto do planeta, um mystificador da boa fé popular, e não um habitante de outro mundo.



V ALE
PARA CONCURSO N. 179



V ALE
PARA CONCURSO N. 180

VIAGENS MARAVILHOSAS DO DR. ALPHA

Ao mundo dos planetas — No mundo de Marte

(COM ILUSTRAÇÕES DO AUCTOR)

(POR OSWALDO SILVA)

Capitulo XV

Então, cheio de indignação, pedi ao soberano que me concedesse a palavra. Obtida a licença, falei com vehemência, defendendo-me das supposições irrórias do academico. Demonstrei a possibilidade das minhas viagens, descrevi rapidamente o estado das cousas na face da terra e, finalmente, acabei por convencer a assembléa que, empolgada pelas minhas palavras vibrantes, me applaudiu delirantemente. Desde esse dia tornei-me o assumpto de todos os comentarios e como a vida em Loris é cara, e eu não tinha moeda corrente do paiz para as minhas despesas, resolvi fazer algumas conferencias em publico, sobre assumptos terrestres, que me renderam o sufficiente. Agora passo a contar uma série de aventuras que me succederam durante a minha estadia no planeta.

Um dia, em que visitava as lojas da cidade, entrei n'uma importante casa de appparelhos de optica e perguntei si alli vendiam machinas photographicas. O caixeiro me informou que no planeta não havia tal appparelho e nunca ouvira fallar de tal cousa: Em Marte não conheciam a photographia.

Projectei maravilhar os marcianos com a celebre arte de Daguerre.

Encommendei n'uma casa uma lente de objectiva, pedi ao marceiro imperial que me fizesse uma caixa de madeira com tolle de pellica, e em fim, fiz a aquisição de tudo que era necessario para a constituição de uma machina photographica.

Enquanto isso ia preparando no gabinete de chimica do observatorio as placas sensiveis a as demais drogas necessarias para as operações. Quando prompto o appparelho, pedi licença ao imperador para lhe offerecer uma surpresa...

E tirei um bello retrato do soberano, que não poudes occultar a sua admiração quando viu representada a sua imagem com tão surprehendente exactidão. Isso grangeou-me renome brilhante e desde então não tive mãos a medir... Retraitei toda a familia imperial, depois os ministros, as primeiras autoridades da corte, os militares de alta patente e, por fim, gente do povo em geral.

Como não sou egoista, vulgarizei lá a descoberta e permitti que se construissem outras machinas, tendo por modelo a minha. Dentro em pouco era conhecida a photographia em todo o planeta.



(Continúa)

VIAGENS MARAVILHOSAS DO DR. ALPHA

Ao mundo dos planetas — No mundo de Marte

(POR OSWALDO SILVA)

Capitulo XVI

(COM ILUSTRAÇÕES DO AUCTOR)

Ia-me esquecendo de dar aos leitores alguns dados astronómicos de Marte; mas vou fazer isso enquanto é tempo.

Marte é muito parecido com a Terra; todavia, tem algumas diferenças notáveis, como sejam: na sua revolução annual em volta do sol, gasta elle um anno, 10 mezes e 21 dias, enquanto que a Terra gasta apenas 365 dias; o seu diametro é de 1.700 leguas, isto é, metade do do nosso planeta.

Não ha em Marte grandes oceanos, mas sim grandes golfos e mediterraneos.

Marte dista do sol 56 milhões de leguas; recebe d'este astro duas vezes menos luz e calor do que a Terra, e, finalmente, possue uma atmosphaera um pouco differente da nossa.

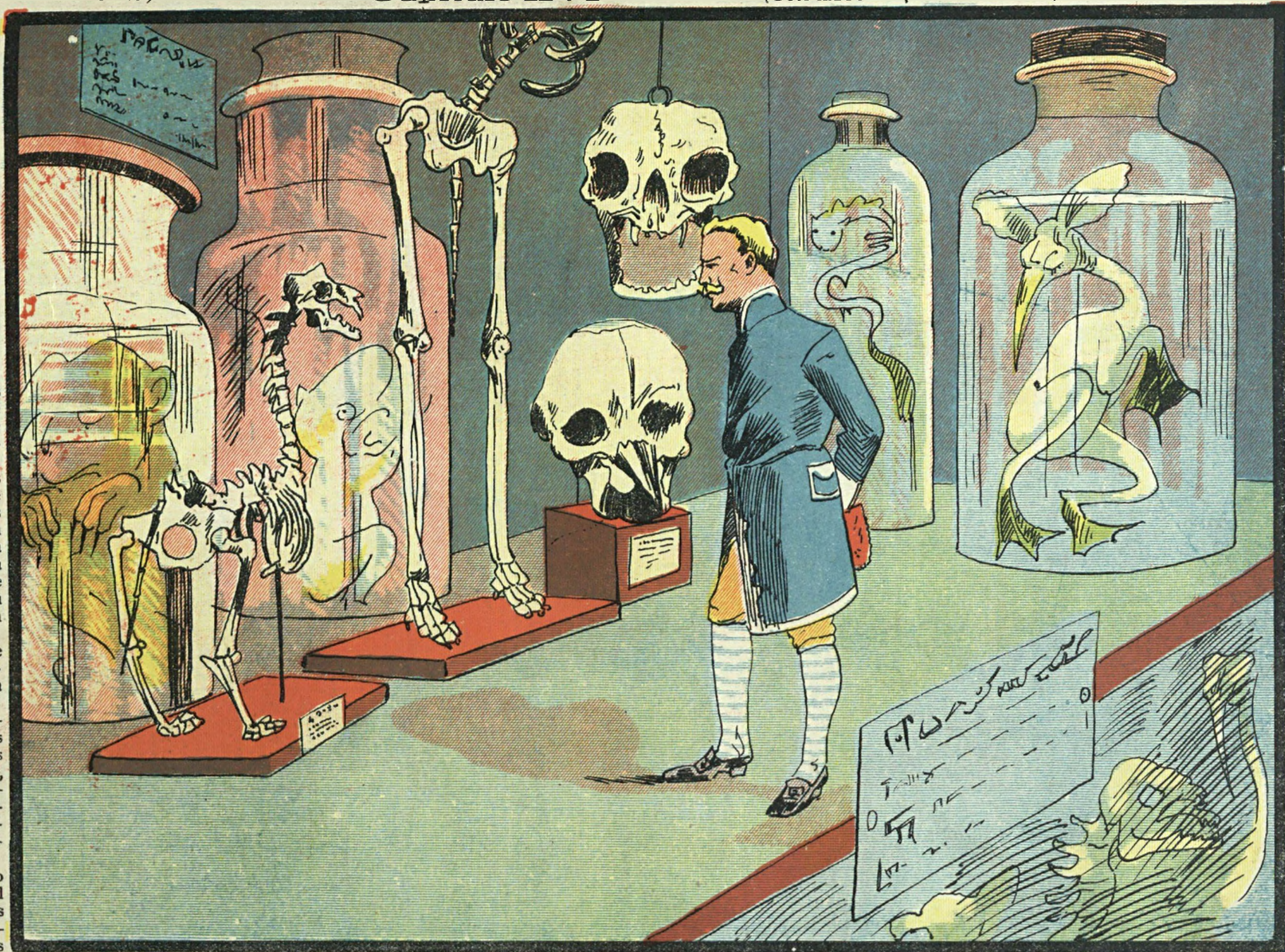
Os marcianos têm as mesmas paixões, as mesmas virtudes e os mesmos vícios que têm os mortaes da Terra. Lá tambem existe a guerra, esse flagello da humanidade e, na temporada em que lá estive, o soberano de «Gondafich» preparava o seu exercito para ir bater-se com um paiz vizinho.

Um dia, fui visitar o grande museu de Loris, edificio vastissimo, que encerra tudo que ha de precioso n'esse mundo.

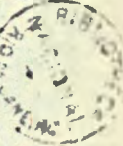
Lá, vi as colleções de objectos historicos dos primeiros tempos do planeta, relações dos seus primeiros habitantes que, como os da Terra, foram barbaros e atrasados; vi todas as especies de animaes marcianos, toda a industria e arte d'esse povo gigantesco.

Quanto á religião do paiz, não a pude bem comprehender, tal era a variedade de seitas, dogmas e cerimoniaes. De todos os crimes, os que a justiça pune mais severamente, são a traição, a calumnia e o abuso de confiança. O réo d'esses crimes é executado nas praças publicas e o seu corpo privado de todas as honras funebres. Existem pelas praças da cidade grandes monumentos de pedra, onde os esculptores gravam a historia do paiz, assignalando os factos heroicos do soberano. Vi tambem a admiravel «Glombena pelus», que é a galeria de todos os imperadores do paiz.

Alli estão desde o primeiro até o pai do que reina, todos mumificados, cebertos de ouro e pedrarias, sentados nos seus thronos enfileirados, immoveis, com os rostos encarquilhados e um sorriso sarcastico nos labios contrahidos.



V A L E
PARA CONCURSO N. 183



V A L E
PARA CONCURSO N. 184

(Continua)

VIAGENS MARAVILHOSAS DO DR. ALPHA

Ao mundo dos Planetas — No mundo de Marte

(Continuação)

(POR OSWALDO SILVA)

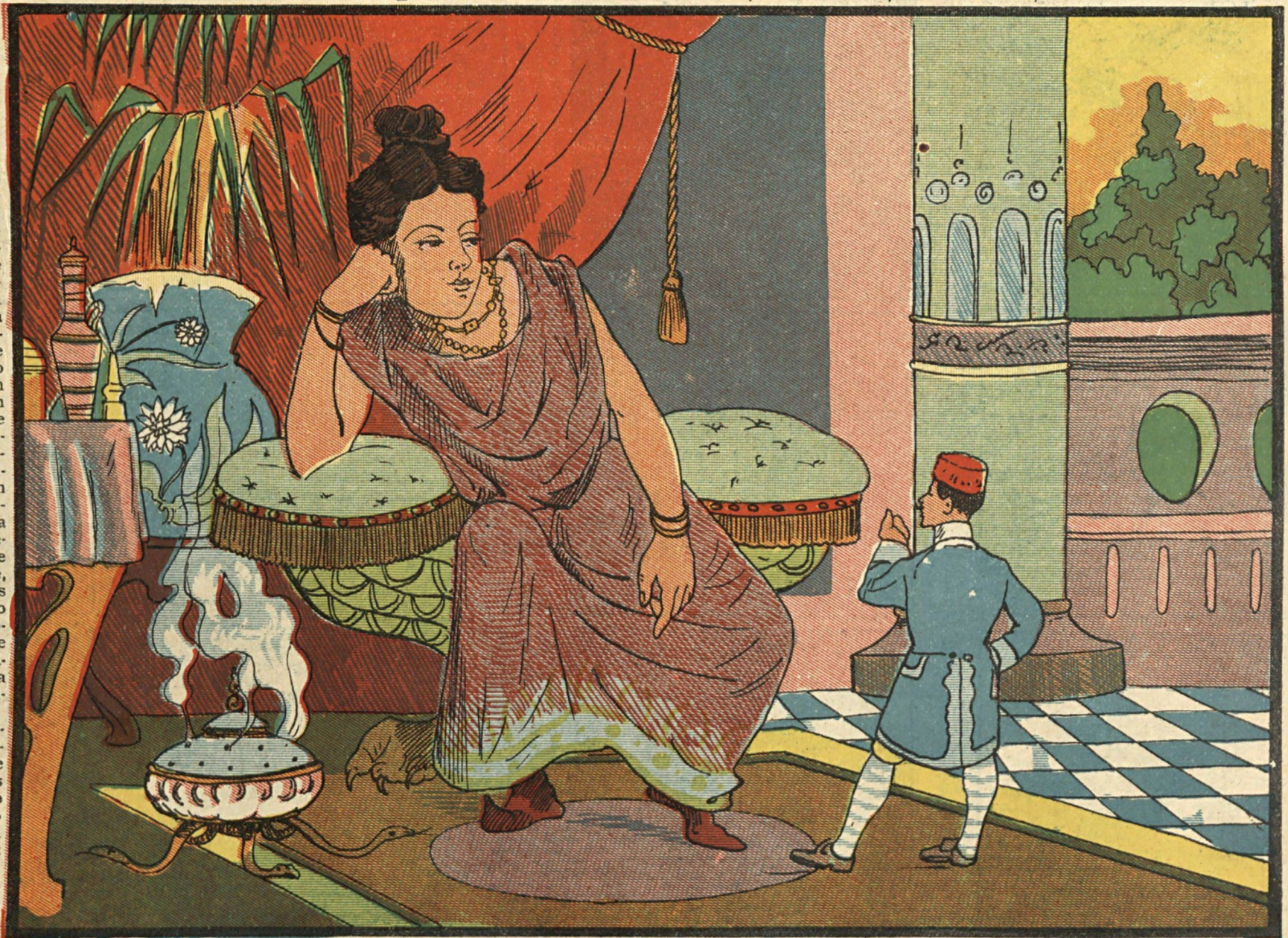
Capitulo XVII

(COM ILUSTRAÇÕES DO AUCTOR)

Assim eu começara a ensinar as sciencias da terra até á propria rainha, quando um lamentavel facto, que quasi me custou a vida, me obrigou a fugir aterrorizado da colera dos marcianos. Uma molestia até então desconhecida alli começou a fazer victimas na cidade, e, a tal ponto chegou, que os medicos se declararam impotentes para dominar o mal. Então, os marcianos que, apesar do seu grande adeantamento, são extremamente supersticiosos, resolveram consultar o «Azzi» que é uma galeria subterranea de um templo, que, por um phenomeno de acustica, repete com um eco atrozador, phrazes ditas em um certo ponto. Ora, eu tinha em «Loris» um inimigo terrivel que era o academico que eu confundira na secção de minha apresentação. Pois bem; esse individuo rancoroso guardou-me um odio profundo e esperava apenas um momento favoravel para pôr em execução os seus tenebrosos projectos. Os homens que não têm instrucção, em Marte, dão muito credito ás feiteiras e charlatães, de sorte que o «Azzi» é mui venerado pelo povo ignorante, e as bruxas que lá vivem a explorar a ingenuidade popular são tidas em conta de entes sobre-naturaes e miraculosos.

Foi essa circumstancia que serviu ao meu amigo para me fazer odiar pelos marcianos. De combinação com as feiteiras occultou-se no «Azzi» e, quando o povo em massa ia inquerir do oraculo qual o meio de conter a terrivel epidemia, ouvia-se a voz retumbante do eco:

—Esse mal terrivel; quem o trouxe para aqui foi o filho de Cyntra. Matai-o e logo o mal cessará! Então, a colera do povo voltou-se contra mim e tive de me occultar no observatorio para escapar da sanha brutal do populacho estúpido. Resolvi então partir. O imperador, os altos funcionarios e os academicos mostraram-se contristados; mas foram os primeiros a reconhecer a minha situação. Em pouco tempo foi reparado o rombo no costado do «Meteoro» e, depois de longas despedidas e um terno abraço no meu velho professor, deixei o mundo de Marte, erguendo-me novamente no espaço.



V A L E
PARA CONCURSO N. 185



V A L E
PARA CONCURSO N. 186

(Continua)

VIAGENS MARAVILHOSAS DO DR. ALPHA

Ao mundo dos Planetas—Jupiter, o mundo das maravilhas

(Continuação)

(POR OSWALDO SILVA)

Capítulo XVIII

(COM ILUSTRAÇÕES DO AUCTOR)

Contar-vos os sucessos da minha nova viagem aérea entre Marte e Jupiter seria o mesmo que relatar-vos novamente as peripecias das travessias entre a Terra e a Lua, e entre esta e o planeta que acabava de deixar. Portanto em lugar de perdemos tempo recordando novamente isso de que o menino deve se lembrar tão bem, vamos logo falar sobre o colosso Jupiter, o maior dos planetas, 1400 vezes maior que a Terra, e cujo diametro mede a bagatella de 35,731 leguas!

—E como chegou até lá? perguntará o menino...

Hum!... isso é tão difficil de dizer... Mas deixemos esses comentarios e vamos á nossa historia.

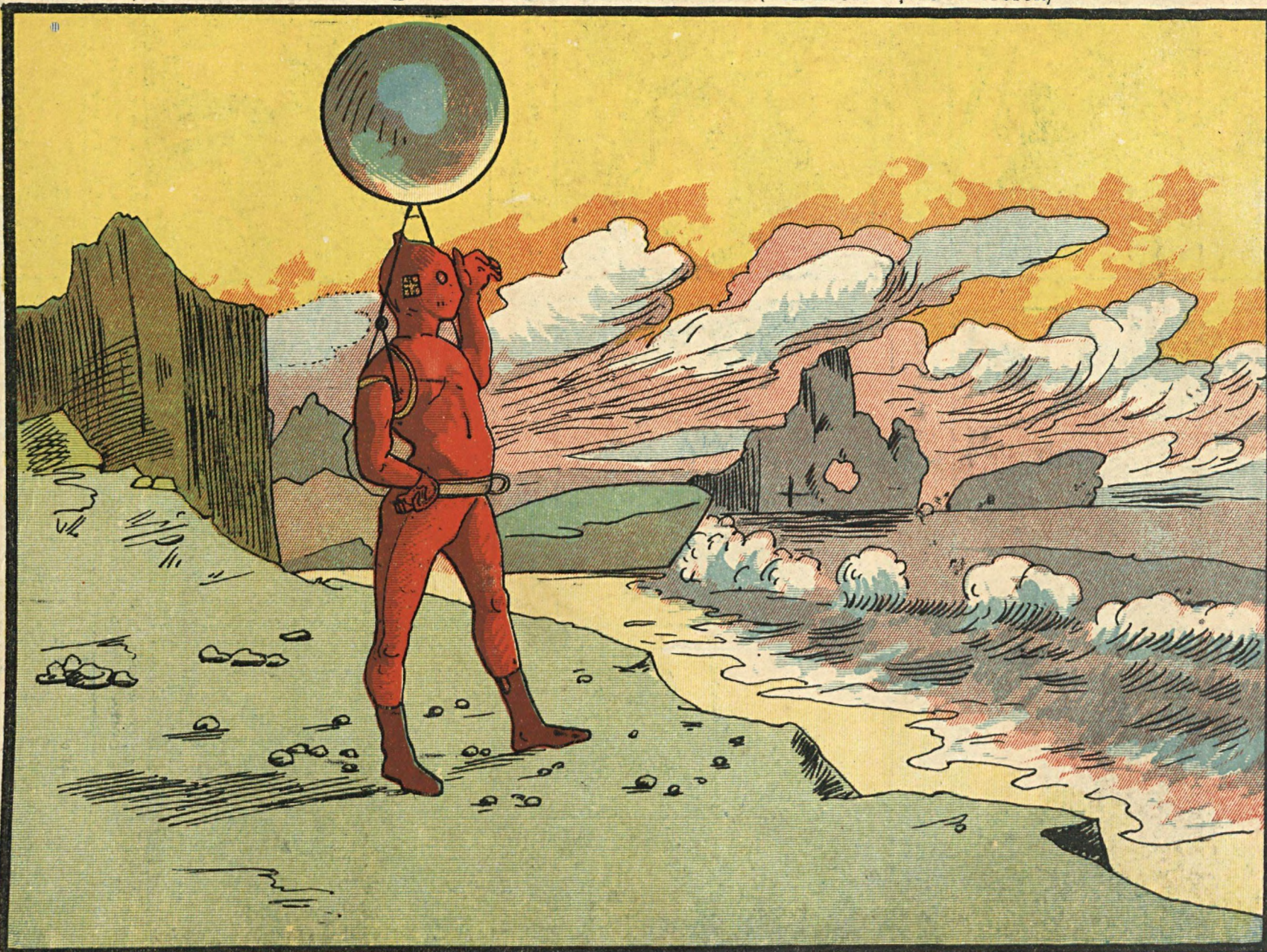
Algumas braças me separavam da superficie de Jupiter, e o «Meteoro», attrahido pela massa colossal do planeta não tardou muito em pousar violentamente no sólo arenoso de uma praia vastissima, onde um oceano tenebroso vinha-se despedaçar com fragor. Como a atmosfera de Jupiter é mui differente da nossa, é muito densa, saturada de vapores diversos, vesti o escaphandro, puz o aparelho gerador de *oxygenio* em funcção, adaptei á cintura um balonete de *gaz levisso* para equilibrar-me com a força de attracção do planeta, e, assim equipado, sahi da barquinha da aeronave.

Logo que pisei no solo jovino lancei um olhar investigador para todos os lados.

Para o norte, era um oceano interminavel de ondas encapelladas; para o sul, um bosque de arvores estranhas, exquisitas, que se succedia á praia de areia avermelhada; para o poente e para o nascente levantavam-se grandes rochedos alcantilados e sombrios.

Enada mais. Olhei o céu: estava nublado e grandes massas de vapores aquosos rodopiavam pelos ares. Tudo isso illuminado por um solzinho minuscuro, 27 vezes mais fraco do que o nosso, em vista da grande distancia a que fica o mundo gigantesco do centro planetario. Era bem feio o novo mundo em que me achava. Que havia de fazer, então, nessas paragens mysteriosas, totalmente desconhecidas, onde jamais um homem da Terra caminhára? Que futuro seria o meu e com que seres iria eu travar conhecimento? Tudo me levava a crêr que lá não encontraria esses amaveis e adeantados marcianos, que, num mundo mui semelhante ao nosso, desfructavam existencia feliz e progressiva. Alli não: tudo indicava selvageria; pelo menos, durante as 3 horas em que explorei os arredores, nada vi que revela-se a existencia de seres intelligentes.

Fazia um frio terrivel...



V A L E
PARA CONCURSO N. 187

V A L E
PARA CONCURSO N. 188

(Contmúa)

VIAGENS MARAVILHOSAS DO DR. ALPHA

Ao mundo dos Planetas—Jupiter, o mundo das maravilhas

(Continuação)

(POR OSWALDO SILVA)

Capítulo XIX

(COM ILUSTRAÇÕES DO AUCTOR)

Mas ao chegar a orla do bosque de que falei pareceu-me ouvir um concerto de assobios, modulados em todos os tons e em todas as formas, e que pouco a pouco se approximavam de mim. Que seria? um grupo de macacos jovinos que vagava pela floresta? Não; aquelles assobios, comprehendí, obedeciam a umas formulas convencionadas; ditadas por um cerebro intelligente. Não eram harmoniosas nem melodiosas, mas sim um conjunto de notas destacadas, como se se quizesse articular uma palavra substituindo as syllabas pelo assobio... Extraña linguagem. Como disse, cada vez mais approximavam-se os seres que emitiam aquelles sons, e, foi com um certo terror e estupefacção, que vi surgir entre as folhagens, em um dado momento, 20 formas animadas de extravagante aspecto, verdadeiros monstros, horrores na sua originalidade assustadora. Vendo-me, pararam não menos surpresos, e é claro, que o que eu sentia n'aquelle momento, também estavam elles sentindo da mesma maneira, mas como eram em maior numero toram-se approximando com prudencia até a poucos passos de distancia, e, ahi, quedaram-se immo-veis observando-me attentamente.

Seriam aquelles monstros os verdadeiros habitantes de Jupiter, seres intelligentes que tivessem leis, governos, cidades, affeições, crenças?

Apezar do medo de que me achava possuido, notei que traziam ornamentos extravagantes, armas bizarras, e, que no olhar de monstro não tinham estampado o caracter da bestialidade dos irracionais: ao contrario, era meigo o olhar d'esses entes.

Indubitavelmente a Natureza é um poço de mysterios e de fantasias inextinguíveis.

Dentro em pouco, começaram a assobiar. Foi então que comprehendí aquelles assobios não eram mais do que a forma da linguagem em Jupiter!...

Pouco a pouco elles foram perdendo o temor e, vendo a minha attitudo passiva, chegaram a ponto de me tocarem com os seus longos braços, mais parecidos com tentaculos de polvo, do que com membros de um ser que raciocina. E conversavam, quero dizer assobiavam, dando á physionomia toda a impressão de surpresa que lhes ia na alma. Em um dado momento, um, que parecia ter mais autoridade, ordenou silencio, e, voltando-se para mim, assobiou uma especie de *valsa*.



V A L E
PARA CONCURSO N. 189

V A L E
PARA CONCURSO N. 190

(Continua)

VIAGENS MARAVILHOSAS DO DR. ALPHA

Ao mundo dos Planetas—Jupiter, o mundo das maravilhas

(Continuação)

Capítulo XX

(COM ILUSTRAÇÕES DO AUCTOR)

(POR OSWALDO SILVA)

Involuntariamente recuei um passo.

Aquelles monstros causavam-me repugnancia, e para melhor dizer, medo. Os jovinos, percebendo o meu movimento, audaciosamente se approximavam, agitando os seus longos tentaculos á guisa de braços cobertos de ventosas, tentando cortar-me a retirada. Imaginem a minha situação: n'aquelle bosque sombrio e mysterioso, num mundo totalmente desconhecido e rodeado d'aquelles seres, que nada tinham de humano... Triste futuro me reservava a sorte... A pular como um cabrito, felizmente auxiliado pelo gaz do balão, que me dava agilidade incalculavel, fugi, perseguido de perto, pelos meus terriveis hospedes. Fugi atravez do mattagal ouvindo, de vez em quando, os assobios dos monstros irritados, que, n'essa circumstancia, já não mais me pareciam melodiosos. E quanta coisa horrorosa vi eu no meio da floresta!...

De repente, soltei um grito e cahi, enlaçado n'uma teia de aranha... Mas que aranha! Um monstro horripilante, de olhos phosphorescentes, que, com aridez do raio pulou sobre mim.

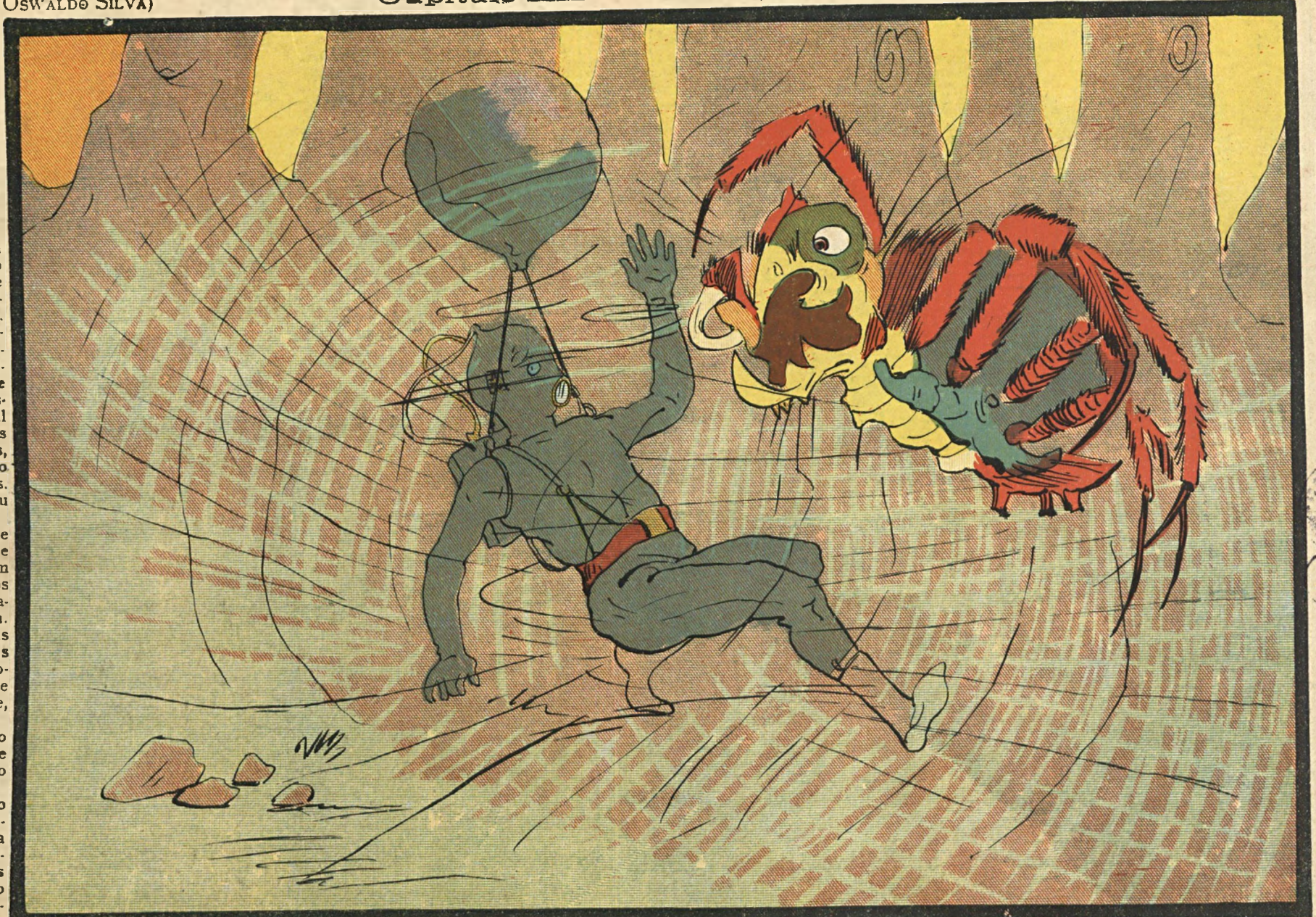
Ouvi o ruido das mandibulas do terrivel animal, mas, apenas por um segundo, porque elle tocando com uma pata no balão de gaz carregado de electricidade, cahiu fulminado.

Ergui-me de um pulo, e, como ouvisse o tropel dos jovinos que vinham em minha perseguição sahi a correr novamente.

O meu intento era alcançar o «Meteoro» mas, oh!... maldição!... poderia eu por ventura ainda encontrá-lo? Estava perdido... D'ahi alguns momentos anoiteceu, e, com as trevas, o aspecto das cousas tornou-se duplamente horrivel, e para meu maior desespero, já não podia

correr, pois a cada passo era tolhido por numerosos cipós, ou passava, gelado de medo, á vista de pequenos monstros jovinos, que, em grande quantidade, rastejavam pelo solo, como lesmas. Os meus perseguidores achavam-se, porém, bastante distanciados e isto fez-me lembrar que, trepando a uma arvore, e occultando-me entre a folhagem, talvez passasse despercebido, quando elles me alcançassem. Resolvido a isso, tratei de procurar um tronco que melhor se prestasse, e, mal me occultava entre os ramos inumerosos do vegetal, já os meus perseguidores, assomavam de todas as direcções, fazendo ouvir os seus constantes assobios infernaes. Era incrível a agilidade d'aquelles monstros, e tudo levava a crêr que, apesar de todas as minhas precauções, acabaria por lhes

(Continúa)



V A L E
PARA CONCURSO N. 191

V A L E
PARA CONCURSO N. 192

VIAGENS MARAVILHOSAS DO DR. ALPHA

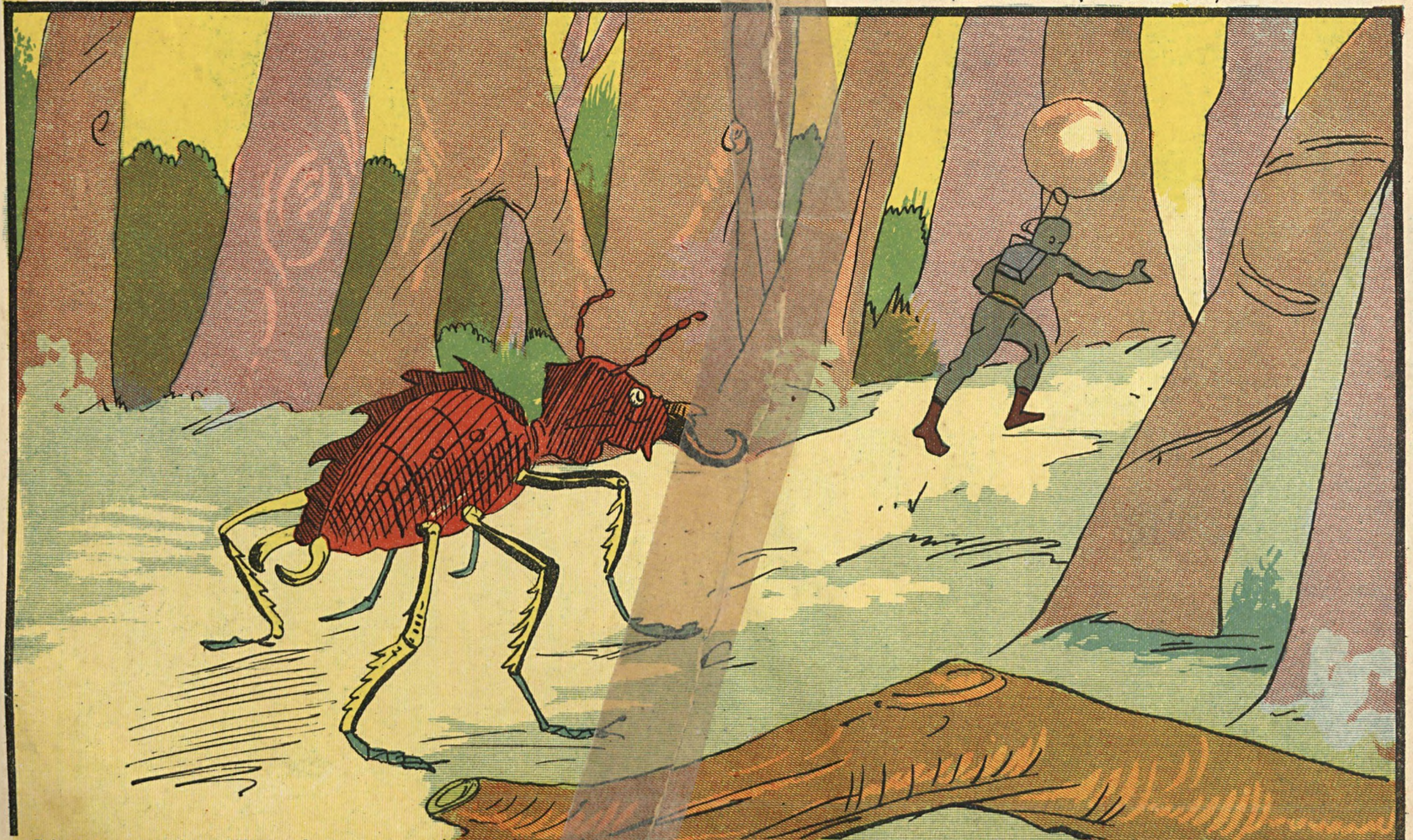
Jupiter, o mundo das maravilhas

(Conclusão)

(POR OSWALDO SILVA)

Capítulo XXI

(COM ILUSTRAÇÕES DO AUCTOR)



Felizmente, entre a densa folhagem da árvore, consegui me ocultar completamente das vistas dos jovinos, que, desenganados embrenharam-se novamente na floresta. Mal porém passara esse susto já me sucedia uma das coisas mais extraordinárias que passo a contar. Imaginem que a árvore em que eu estava empoleirado, começou de repente a agitar as suas folhas, que acelerando cada vez mais o movimento foram-se aderindo ao meu corpo, funcionando como verdadeiras ventosas. Era uma árvore carnívora. Na Terra existe algumas árvores d'este genero porém aquellas de Jupiter são verdadeiros monstros devoradores. Dei um suspiro de alívio quando consegui desembaraçar-me do perigoso vegetal e, mal me achei no solo, afastei-me perseguido por um bando de formigas, do tamanho de leões e que com as suas terríveis pinças iam despedaçando tudo quanto lhes embargava o passo. Grande vantagem para mim era o balão que me fazia muito leve ajudando-me a dar incommensuráveis saltos que me punham completamente a salvo dos perigosos hospedes jovinos. Emfim chegou a manhã, e a luz do sol, apesar de fraca, fez recolher os animais notívagos aos seus antros. Desde esse momento perdi todo o gosto de visitar o planeta, o meu entusiasmo pelos mundos desconhecidos moderou e mesmo já eu não podia suportar a nostalgia. Ao cair da tarde, sem novidade, encontrei finalmente o *Meteoro* dentro de pouco tempo deixei o mundo gigante de Jupiter onde tantos dissabores e sustos passei. Além d'isso, mesmo que eu quizesse continuá-las as minhas aventuras e constituição abstrusa d'esses mundos, não poderia mais suportar a temperatura fria e muita nebulosa. Nentao é um mundo de gelo, o último das fronteiras do

V ALTE
PARA CONCURSO N. 193



V ALTE
PARA CONCURSO N. 194